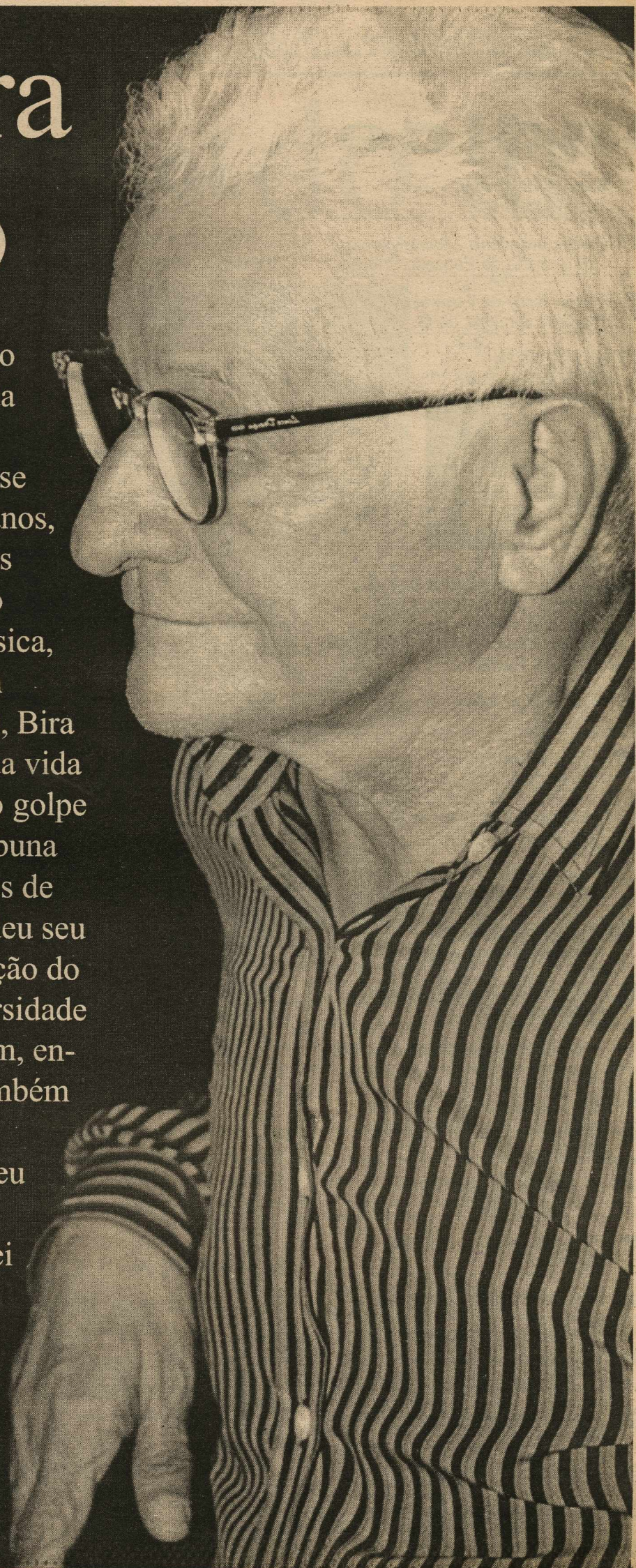


Ubirajara Macedo

O jornalista Ubirajara Macedo passou a maior parte da sua vida profissional nas redações dos jornais, fosse em Natal, fosse em São Paulo. Agora, aos 80 anos, retirado, vem atuando em outras frentes, abraçando causas como as da terceira idade, da boa música, da literatura, da poesia, etc. Em entrevista exclusiva a O GALO, Bira revela detalhes marcantes de sua vida profissional, quando estourou o golpe de 64 e como repercutiu na Tribuna do Norte; como foram seus anos de exílio em São Paulo, como se deu seu retorno a Natal e a volta à redação do Diário de Natal. Fala da Universidade da Terceira Idade e do Clambom, entidades que ajudou a criar, e também de Dona Severina, personagem mítica, mas muito popular no seu círculo de amigos.

Nesta edição, trabalhos de Nei Leandro, Franco Jasiello, Bartolomeu Correia de Melo, Manoel Onofre Jr., Pery Lamartine, Vicente Vitoriano, entre outros.



Índice

3 Manoel Onofre Jr. - Um sertanejo do ar

4- Pery Lamartine - Saint-Exupéry, vida e morte do Pequeno Príncipe

5 Edson Nery da Fonseca- Os três maiores inimigos de G. Freyre

7 ENTREVISTA
Ubirajara Macedo

Ubirajara Macedo festeja os 80 anos de vida com projetos literários e conta para O Galo episódios que marcaram sua vivência de jornalista, como na eclosão do golpe de 64 e no exílio em São Paulo

11- José Melquíades - No reino dos cardeais

12 - Giulio Sanmartini - Carta a Francisco Dantas

13 Bartolomeu Correia de Melo - De sete pinotes

15 - Manoel Marques da Silva Filho - O sonho de Josenildo

16 Francisco Sobreira - O estranho hóspede

18 Jorge Tufic - Para Sanderson Negreiros

19 - Helder Câmara M. de Macedo - Quando o sertão se descobre

23 - Manuel Fernandes Volontê - A poesia de Napoleão Paiva de Souza

24 - Francisco Carvalho - A serpente binária

25 - Pois é a poesia - Iracema Macedo

26 - J. Castro - Uma alternativa para a leitura

27 - Vicente Vitoriano - Os sinos de Tânato

29 - Severino Vicente - A malhação do judas

30 - Correio do Galo

31 - Lançamentos

32 - Franco Maria Jasiello, Poema ao Acaso

Jornalismo & vivência

Profissional de imprensa (hoje aposentado), poeta bissexto, musicólogo e boêmio, Ubirajara Macedo é um nome que traduz um espírito inquieto e pleno de uma sadia alegria de viver. Como jornalista, teve passagens memoráveis nas redações da Tribuna do Norte, do Diário de Natal, e, depois, na Folha de São Paulo, além de ter fundado jornais país a fora. Como musicólogo, foi um dos fundadores do Clube dos Amantes da Boa Música. Agora, chegando aos 80 anos de idade, inicia novos projetos, de vida e de literatura. É o que conta em conversa com o jornalista Nelson Patriota, editor de O GALO, recordando sua infância em Natal, o início de sua carreira profissional como jornalista, e passagens decisivas nessa carreira, como quando teve de conduzir a redação da Tribuna em pleno golpe militar de 64. Complementando a entrevista, uma carta e um poema de Dona Severina, a mítica criação de Bira, exprime a afeição que dedica ao seu criador, definindo o lugar que ocupa na sua cidade e entre os seus inúmeros amigos.

O historiador Helder Alexandre M. de Macedo, no ensaio "Quando o sertão se descobre", comenta a descoberta de documentos sobre a história do Seridó encontrados no cartório de Pombal (PB). Alguns remetem à época colonial, aludindo à primeira visita dos portugueses ao *Valle Siridó*.

Ao gênero ensaio pertence também o artigo "Os Sinos de Tânato", do professor Vicente Vitoriano M. Carvalho, que vê pontos coincidentes nos poemas de Jorge Fernandes e Newton Navarro, a partir da imagem metafórica dos sinos, e seu simbolismo mais imediato, tanático.

Num ensaio mais sucinto, Pery Lamartine volta a um dos seus temas favoritos, o enigma da vida e da obra de Saint-Exupéry, o imortal criador do Pequeno Príncipe, e cujo centenário de nascimento transcorre agora no dia 29 de junho. Em "Saint-Exupéry, vida e morte do Pequeno Príncipe", Pery Lamartine reafirma que o escritor e aviador francês esteve, de fato, em Natal, em companhia de Jean Mermoz, o herói da

travessia do Atlântico, e que o então jornalista Nilo Pereira, por puro descaso, perdeu a oportunidade de entrevistá-lo para "O Diário".

Mais quatro ensaios compõem este número: "Um sertanejo do ar", de Manoel Onofre Jr., que repassa a voo de pássaro a obra de Pery Lamartine; "Os três maiores inimigos de Gilberto Freyre", de Edson Nery da Fonseca "Uma alternativa para a leitura", de J. de Castro sobre o Proler no RN; e "A malhação do judas", descoberta etnográfica do pesquisador Severino Vicente.

Repercutindo o ensaio "Regionalismo literário?", de Francisco J. C. Dantas, (*Galo*, fevereiro de 2000), o pesquisador ítalo-brasileiro Giulio Sanmartini assina uma "Carta a Francisco Dantas" onde vê muitos pontos de identificação com as linhas gerais do autor sergipano.

Armado de saber eclesiástico, José Melquíades destila ironia, no artigo "O reino dos cardeais", reflexão sobre os privilégios dessa elite da Igreja Católica ao longo dos séculos. O acadêmico Murilo Melo Filho realça o papel que as academias de letras têm no mundo civilizado.

Manoel Marques de Sousa Filho escreve "O sonho de Josenildo", narrativa ligeira sobre a proximidade da aposentoria na vida de um empregado; o poeta Francisco Carvalho, colabora com "Serpente binária"; Francisco Sobreira resgata o tema do nazismo no Nordeste em "O estranho hóspede", e Bartolomeu Correia de Melo volta a Ceará-Mirim para contar a história "De sete pinotes", todos inéditos.

A seção *Pois é a poesia* enfoca o trabalho de Iracema Macedo no livro "Lance de Dardos", e vem assinada por Nei Leandro de Castro, enquanto seu titular, o poeta Luís Carlos Guimarães, se restabelece por completo de uma cirurgia.

Há poemas, ainda, de Jorge Tufic, Franco Maria Jasiello e Napoleão Paiva de Souza. Este último é apresentado pelo seu amigo e também poeta Manuel Fernandes Volontê.

O Editor

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
GovernadorFundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-GeralJOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação SocialDepartamento Estadual de Imprensa
CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA TORRES
Diretor-Geral

O GALO

Nelson Patriota
EditorTácio Costa
RedatorJailton Fonseca
Produção

Colaboraram nesta edição: Manoel Onofre Jr., Pery Lamartine, Edson Nery da Fonseca, Manoel Marques da Silva Filho, José Melquíades, Bartolomeu Correia de Melo, Maria Amélia Fernandes, Giulio Sanmartini, Francisco Sobreira, Jorge Tufic, Helder Macedo, Manoel Fernandes Volontê, Napoleão de Paiva Souza, Nei Leandro de Castro, J. Castro, Vicente Vitoriano M. Carvalho, Severino Vicente, Aucides Sales, e Franco Maria Jasiello

Redação: Rua Jundial, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084) 221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0342. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados.

E-mail do editor: nelson@digl.com.br

Um sertanejo do ar

Manoel Onofre Jr.

Num pedaço de tarde leio quase cem páginas de um livro de memórias que me transporta, magicamente, à vida rural no sertão nordestino da década de 30. Livro fascinante para quem, como eu, nasceu e se criou nesse mesmo sertão, embora já nos anos 40. Refiro-me a “Velhas Oitíticas”, de Pery Lamartine (Fundação José Augusto, Natal, 1991).

Descrevendo costumes, paisagens, fatos e tipos humanos de sua terra – o Seridó velho de guerra – Pery enriquece, com esta obra, a memorialística potiguar, apresentando despretensiosa contribuição para o estudo da Etnografia e da História, como aliás já o fizera em livro anterior, de sua autoria – “Timbaúba, uma Fazenda no Século XIX”.

2 “Timbaúba” não era uma fazendola qualquer; era “uma das principais fazendas típicas do Seridó do século XIX”. Fundou-a Gorgônio Paes de Bulhões por volta de 1833.

Pery, que nela viveu sua infância, apresenta-nos descrição minuciosa, em monografia editada pela Nossa Editora, sob o título “Timbaúba, uma Fazenda no Século XIX”.

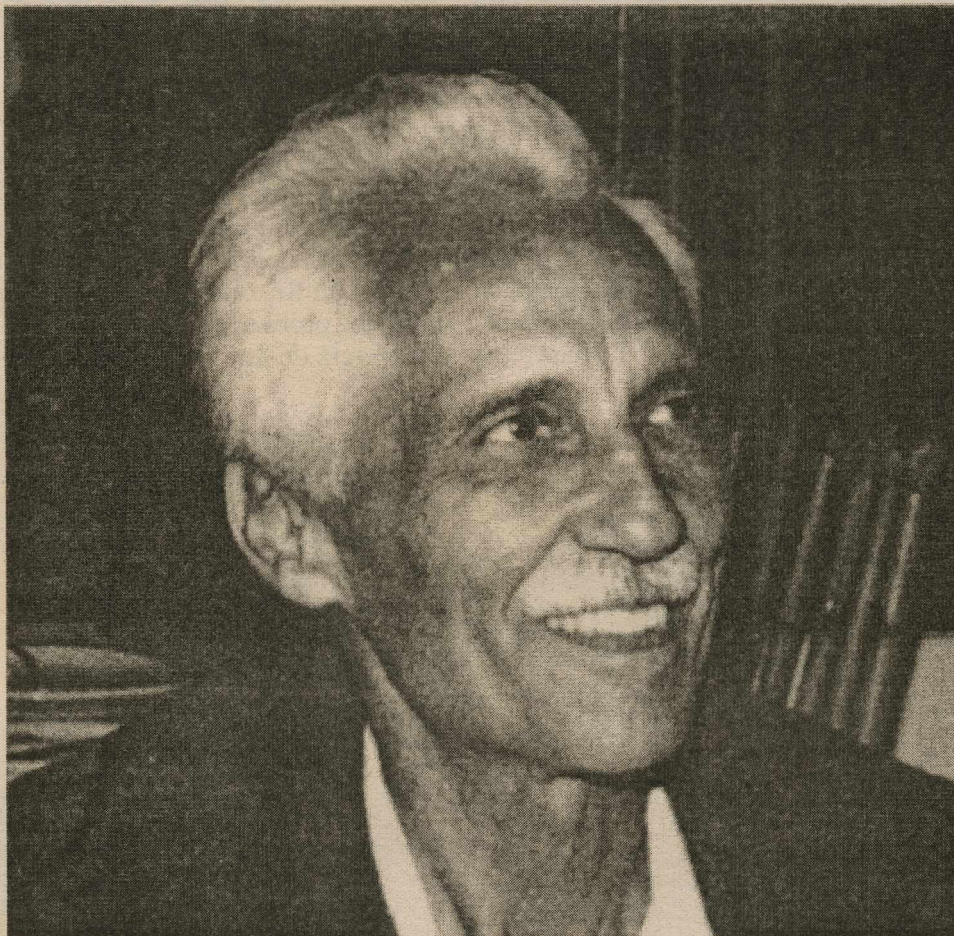
Muito interessante esta pesquisa que, dado o seu caráter memorial, não tem aquela frieza de estilo, comum aos estudos etnográficos convencionais.

Pery – um natalense com alma de sertanejo – começa falando sobre o chão da fazenda, as benfeitorias e a casa-grande; passa à criação e aos animais de trabalho (excelente a descrição dos burros do velho Zé Libânio); detém-se numa informação pormenorizada sobre o “vapor” (máquina de descaroçar algodão), a casa de farinha, o engenho, a fabricação de queijos e os trabalhos artesanais; por último, revela-nos o lado humano: figuras populares, costumes e credices, e dados a respeito dos proprietários.

Com estas notas, Pery Lamartine mostra-se digno da linhagem intelectual a que pertence o seu avô Juvenal Lamartine, autor do admirável livro “Velhos Costumes do Meu Sertão”.

3 Em outra vertente do memorialista situa-se “Escape – Estórias de Aviador” (Natal, 1998). Neste pequeno livro, o autor relata fatos que viveu como piloto civil, notadamente em escolas de pilotagem, lá pelos fins da década de 40. Momentos de emoção e suspense, descritos com objetividade, fazem reviver um tempo em que voar ainda era uma aventura.

Na orelha, diz Fernando Hippolyto da Costa



Descrevendo costumes, paisagens, fatos e tipos humanos de sua terra – o Seridó velho de guerra – Pery Lamartine enriquece, suas obras, a memorialística potiguar

“Mesmo afastado das atividades aviatórias, para se dedicar ao turismo, Pery não consegue esquecer as raízes e, sempre que possível, dedica-se a nos transmitir imagens de uma época gloriosa, relatando para o deleite de todos nós, as suas experiências como instrutor de vôo”.

“Escape” aparenta-se com duas outras obras do autor – “O Aeroplano” (Editora Clima, Natal, 1983) e “Epopéia nos Ares” (Fundação José Augusto,

do livro – notas sobre pioneiros do ar – Ribeiro de Barros, Arturo Ferrarin, Carlo del Prete, Mermoz, Saint-Exupéry, etc., e o papel de Juvenal Lamartine e Fernando Pedroza, fundadores do Aero Clube do Rio Grande do Norte, entidade pioneira no Brasil.

Vivências do autor, como piloto civil, e anotações de viagens internacionais – destoantes, estas – completam o volume, cuja parte iconográfica, com fotografias de pilotos e aeronaves, é das mais interessantes.

6 Dono de estilo comunicativo, Pery Lamartine exercita, intuitivamente, a palavra, parecendo não observar algumas regras gramaticais. Ciscos, “basculhos” – para usar a linguagem sertaneja – mancham aqui, acolá, o seu texto, mas não chegam a comprometê-lo.

Pery toca de ouvido, como todo autodidata. Mas toca muito bem.

Manoel Onofre Jr., nortero-rio-grandense, é membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e autor de *Ficcionistas Norte-rio-grandenses, A primeira feira de José, Literatura e Província*, entre outras obras.



Obras distintas, *Escape* fala da experiência de Pery Lamartine como aviador civil, enquanto *Velhas Oitíticas* descreve costumes e tipos humanos do seridó



Natal, 1995).

4 Toda pessoa maior de 40 anos possui a sua idade heróica, a sua própria mitologia. Pery Lamartine tem duas: a infância sertaneja na Ribeira das Espinharas, e a juventude, como piloto civil, numa era de “efervescência aviatória”.

Momentos culminantes destes dois tempos ele evoca, com muita simpleza e espontaneidade, em “O Aeroplano”. Como bem diz Franco Jasiello, no prefácio, “ler ‘O Aeroplano’ é simplesmente desfrutar do prazer”. Pena que a leitura acaba logo, deixando um gosto de venha mais...

5 O título “Epopéia nos Ares” remete o leitor aos capítulos iniciais

SAINT-EXUPÉRY

Vida e morte do Pequeno Príncipe

Pery Lamartine

A vocação literária deste extraordinário escritor manifestou-se desde a infância. Paul Webster, no seu livro *Saint-Exupéry - Vida e Morte do Pequeno Príncipe* -, registrou na página 30 o seguinte: "O fascínio de Saint-Exupéry pela mecânica e pela aviação originou-se aos 9 anos de idade, porém a sua paixão pela escrita foi muito mais precoce... Seus primeiros poemas e contos de aventuras, inspirados na literatura heróica e em relatos populares, serão substituídos por projetos cada vez mais audaciosos, até chegar ao roteiro de uma opereta escrita no início da adolescência." Mais adiante, Webster conclui: "Sua obra publicada representa apenas uma ínfima parte da imensa correspondência composta de cartas a amigos ou à família, nas quais ele demonstra uma extraordinária imaginação. Além do mais, elas freqüentemente eram acompanhadas de desenhos humorísticos ou sentimentais."

Aos 12 anos de idade usou o avião pela primeira vez e logo após o vôo escreveu um poema que se inicia assim: "Les ailes frémissait sous le souffle du soir" (Asas fremeiam à brisa do crepúsculo...).

Esse homem de letras, cujo nome quilométrico poucos sabiam, chamava-se: Antoine Jean-Baptiste Marie Roger Pierre de Santi-Exupéry. Dentro da sua obra o que se destacou foram os seguintes livros: *Correio Sul*, publicado em 1928, quando vivia no Norte da África, trabalhando para empresa Latécoère, transportando correio; *Vôo Noturno*, publicado em 1931, escrito na Argentina quando era Diretor da Aeroposta Argentina, uma subsidiária da Latécoère; *Terra dos Homens*, publicado em 1939, quando o autor havia deixado a empresa e vivia praticamente da literatura e jornalismo; *Piloto de guerra*, escrito em 1939, logo após haver servido na Força Aérea Francesa, início da Segunda Guerra Mundial; *Cartas a um refém*, escrito em 1943 e dirigida ao seu amigo judeu, Léon Werth, abordando os problemas políticos na Europa; *O Pequeno Príncipe*, publicado em 1943, porém escrito em 1941, quando o autor

estava internado num hospital em Los Angeles, fazendo tratamento de saúde.

Saint-Exupéry era um homem angustiado; os problemas que a França vivia, invadida pela Alemanha, o colocaram numa situação de canto: não era confiável ao Governo de Vichi e muito menos dos franceses de De Gaulle, que o consideravam colaboracionista. Tinha problemas financeiros e familiares em decorrência de um casamento desas-

troso. Os "experts" em Saint-Exupéry afirmam que no livro *O Pequeno Príncipe* tem muito a haver com a sua união matrimonial. Por conta da constante angústia em que vivia, chegaram a levantar a hipótese de que ele havia cometido suicídio, o que nunca foi provado.

Numa das poucas vezes que esteve em Natal, foi totalmente ignorado pelo repórter Nilo Pereira, do jornal *O Diário*. O próprio repórter relatou numa matéria publicada posteriormente na *Tribuna*: estava à procura de notícias sensacionais quando encontrou Jean Mermoz (o herói da travessia do Atlântico) acompanhado de um colega. Antes de começar a entrevista, Mermoz falou: "apresento-lhe aqui o meu colega Saint-Exupéry". Nilo virou-se para ele e disse aquele "muito prazer" para se livrar da interlocutor. Concluiu a entrevista com Mermoz e foi embora. Dias depois é que soube de quem se tratava. Nilo Pereira morreu lamentando a oportunidade perdida.

A propósito de repórter, Saint-Exupéry disse certa vez a um repórter que o entrevistava: "Não foi o avião que me conduziu à literatura. Penso que se tivesse sido mineiro, teria procurado ensinamentos debaixo da terra." A outro ele falou: "Não é necessário aprender a escrever, mas a ver. Escrever é uma consequência". A um terceiro ele extravasou: "De-testo as pessoas que escrevem para se divertir, que procuram tirar efeitos da linguagem. É preciso ter-se qualquer coisa a dizer."

Aí está o perfil do homem que criou o Pequeno Príncipe, hoje talvez o livro mais lido no mundo e que no próximo dia 29 de Junho completaria 100 anos, se fosse vivo.

Em 18/Maio/2000



"Numa das poucas vezes que esteve em Natal, Saint-Exupéry foi totalmente ignorado pelo repórter Nilo Pereira, do jornal *O Diário*."

Pery Lamartine, natalense, é membro da Academia Nort-rio-grandense de Letras e autor de *Velhas Oitocenas*, *Epopéia nos Ares*, entre outros livros.

Os três maiores inimigos de Gilberto Freyre

Um historiador, Oliveira Lima; um Padre, Antonio Fernandes; e um político, Agamenon Magalhães.

Edson Nery da Fonseca

Depois de visitar Gilberto Freyre em Apipucos, o antropólogo Roque de Barros Laraia me disse em Brasília que estava perplexo porque ouvira falar de seu anfitrião recifense como antipaticamente vaidoso e dominador, mas encontrara uma pessoa extremamente acolhedora e disposta mais a ouvir do que a falar. O preconceito contra Gilberto Freyre chegara a este ponto: o de desfigurar sua personalidade. O que me levava a aconselhar seus inimigos distantes a o conhecessem pessoalmente.

Lembro-me do Dr. Alfredo Freyre, de quem fui aluno de Economia Política, a dizer-me na velha e acolhedora casa de Apipucos: "hei de ver aqui todos os que atacam Gilberto". O que me fazia perguntar com meus botões quem eram esses inimigos e quais as razões pessoais que tinham para detestar Gilberto Freyre. Como possível contribuição à sua biografia, vou evocar neste artigo três desses inimigos.

O primeiro, cronologicamente, foi o historiador social fluminense Francisco José de Oliveira Viana (1883-1951). Autor de várias obras importantes – como *Populações Meridionais do Brasil* (1920), *Evolução*

do Povo Brasileiro (1929) e *Raça e Assimilação* (1932) – todas citadas em *Casa Grande & Senzala* (1933), Oliveira Viana ficou muito aborrecido com as críticas de Gilberto Freyre a algumas de suas generalizações, principalmente as relativas a um Brasil, para ele, colonizado em grande parte por dólicos-louros.

Apesar de ter retificado seu arianismo na Segunda edição de *Evolução do Povo Brasileiro* (1938) – retificação assinalada honestamente por Gilberto Freyre em nota de rodapé à terceira edição de *Casa Grande & Senzala* – Oliveira Viana não escondeu o seu aborrecimento: depois de ler o livro, devolveu-o indignado ao então editor Augusto Frederico Schmidt.

Oliveira Viana manteve a posição anti-freyriana até morrer. Não citou Gilberto Freyre em seu livro de 1949, *Instituições Políticas Brasileiras*. Gláucio Veiga apontou a omissão, em artigo no qual comentou a referida obra (cf. *Diário de Pernambuco* de 5 de fevereiro de 1950). Mas Gilberto Freyre, ao tomar conhecimento da morte de Oliveira Viana, prestou-lhe significativa homenagem, antes de iniciar a segunda conferência da série que realizou no Instituto Joaquim Nabuco, em abril de 1951. Chamou-o de mestre, enaltecendo suas qualidades de pesquisador e homem de estudos. Lembrou que criticara o exagerado arianismo do insigne fluminense, mas sem deixar de reconhecer-lhe o valor como historiador e sociólogo.

Preconceitos de ordem religiosa também contribuíram para suscitar inimizades com Gilberto Freyre. Refiro-me principalmente ao jesuíta goês Antonio Ciriaco Fernandes. Gilberto Freyre contava que ao cruzar uma vez na Rua Nova com o Padre Fernandes, sentiu-se atingido por um olhar de ódio: "ódio teológico, naturalmente", interpretava Gilberto. Qual a causa desse ódio?

O próprio Padre Fernandes – que



Freyre chegou a ser acusado de ofender a Virgem Maria em *Casa Grande & Senzala*

era um fanático – me disse uma vez – no Colégio Nóbrega, onde estudei de 1933 a 1939 – que Gilberto Freyre havia ofendido a Virgem Maria em *Casa Grande & Senzala*. Repliquei que a ofensa não fora do autor e sim de um senhor-de-engenho por ele citado para mostrar o grau de irreverência reinante entre os primitivos colonizadores do Brasil; e que a blasfêmia constava de um documento eclesiástico: a *Primeira Visitação do Santo Ofício das Partes do Brasil*.

Mas o Padre Fernandes não se rendeu e acrescentou: "Para obter fotografias antigas de José Maria de Albuquerque Melo, Gilberto Freyre o enganou, dizendo que estava escrevendo um livro a favor dos jesuítas". Quando *Casa Grande & Senzala* apareceu, em dezembro de 1933, cogitou-se na Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica – dirigida pelo Padre Fernandes – de queimar o livro e um retrato do autor em Praça Pública.

Quando tais fanáticos se deram conta de que o projetado auto-de-fé seria contraproducente – pois a críti-

ca literária da época estava aplaudindo entusiasticamente a estréia de Gilberto Freyre – alguns congregados marianos fundaram a revista *Fronteiras*, dirigida por Manuel Lubambo, revista que se referiu a Gilberto Freyre como "imoral" e "herege".

O terceiro inimigo a que hoje quero referir-me foi Agamenon Sérgio de Godoy Magalhães. Sertanejo habituado a mandar, não admitia divergências. Quando Gilberto Freyre qualificou de cenográfica a Campanha contra o Mucambo, encolerizou-se e referiu-se, num de seus artigos diários na *Folha da Manhã* ao "sociólogo que deseja tapar o sol com a peneira de sua fama". Desde então, aquele jornal passou a apresentar Gilberto Freyre como comunista empenhado em manter os mucambos para provocar uma revolução social; ou a proclamar, contradizendo-se, que o autor de *Mucambos do Nordeste* estava sentimentalizando "o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil" (subtítulo daquela monografia publicada em 1937 pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico do Brasil).

Gilberto Freyre argumentava que o mal não era dos mucambos e sim dos lugares insalubres em que se situam; que o mucambo devidamente higienizado poderia ser a solução econômica e ecológica para o problema da habitação popular. O que os recifenses assistiram foi a construção de casas para funcionários públicos e a remoção dos mucambos para a periferia da cidade.

Quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial, Gilberto Freyre apoiou rasgadamente os Aliados, enquanto o ditador Getúlio Vargas torcia pela vitória do chamado Eixo Roma-Berlim. Ministro da Justiça da ditadura Vargas, Agamenon Magalhães escrevia na *Folha da Manhã*: "As nações que ainda esperam que o sapateiro deixe a tenda e o caixeiro a venda para escolherem seus governantes estão irremediavelmente perdidas".

Tendo em artigo de jornal denunciado atividades nazi-racistas em Pernambuco, acobertadas pela Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Justiça, Gilberto Freyre foi arrancado de sua casa de Apipucos e recolhido à "imunda Casa de Detenção do Recife", como ele mesmo desassombradamente contou noutro artigo.

Rancoroso, o então Deputado Federal Agamenon Magalhães combateu, na Câmara, o projeto de lei apresentado por Gilberto Freyre, pelo qual era o Poder Executivo autorizado a criar no Recife o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Por emendas apresentadas pelo apaniguado de Agamenon, o IJNPS ficaria subordinado à Universidade: forma sutil de burocratizar a autarquia concebida para o estudo interdisciplinar das condições de vida do trabalhador brasileiro da região agrária do Norte e Nordeste. Felizmente prevaleceu o bom senso e Gilberto Freyre teve a satisfação de ver seu projeto transformado na lei n.º 770, de 21 de julho de 1949.

Gilberto Freyre disse uma vez: "sempre fui um homem de muitos amigos". Mas, em outra ocasião, já havia esclarecido que se orgulhava de jamais ter evitado ódios de poderosos deste mundo. Foi o que aconteceu com seus três inimigos aqui evocados: inimigos suscitados por divergências de ordem científica, religiosa e política.

(Artigo transcrito do suplemento Cultural — Diário Oficial/Secretaria de Cultura de Pernambuco — ano XIV — março de 2000)

Edson Nery da Fonseca, pernambucano, é escritor e professor emérito da Universidade de Brasília.

As Academias de Letras

Murilo Melo Filho

No mundo inteiro, as Academias representam hoje todos os segmentos notáveis, profissionais e intelectuais, de suas sociedades: as artes, a advocacia, a igreja, a literatura, a diplomacia, o magistério, a magistratura, a medicina, a política, a economia, o jornalismo, o teatro, a poesia e o romance.

Fundada em 1635, pelo francês Armand Jean de Plessis, Cardeal de Richelieu, com a específica missão de produzir o seu Dicionário e sendo hoje uma das cinco instituições que compõem o Instituto de França, a Academia Francesa, por exemplo, elegeu mais recentemente o cineasta René Clair e o oceanógrafo Jacques Cousteau.

Os acadêmicos passam, então, a ter os seus nomes marcados para sempre como ocupantes de suas cadeiras. É como se estivessem imunes do esquecimento. Cultivam a esperança de que nem tudo desaparecerá com eles e de que terão uma sobrevivência na lembrança da posteridade, embora ocorra que não estarão vivos para presenciá-la.

Acima das divergências e dos passageiros anos de suas existências fugazes, os acadêmicos vão, pouco a pouco, sem maiores ambições, construindo o perfil de suas próprias imortalidades, que não se chocam com a imortalidade dos céus, porque são humanas e terrenas.

Já que não podem se candidatar ao Pantehon grego, habitado pelos mortos, eles vão ficando ao menos nos seus Olímpios atenienses, próprios dos vivos.

Ali não se aperfeiçoam os escritores, os artistas, os médicos, os advogados, os sacerdotes, os cientistas, os poetas e os jornalistas, que já chegam feitos, para encontrarem a tranquilidade e a contemplação da obra realizada, como reconhecimento dos galardões e da glória.

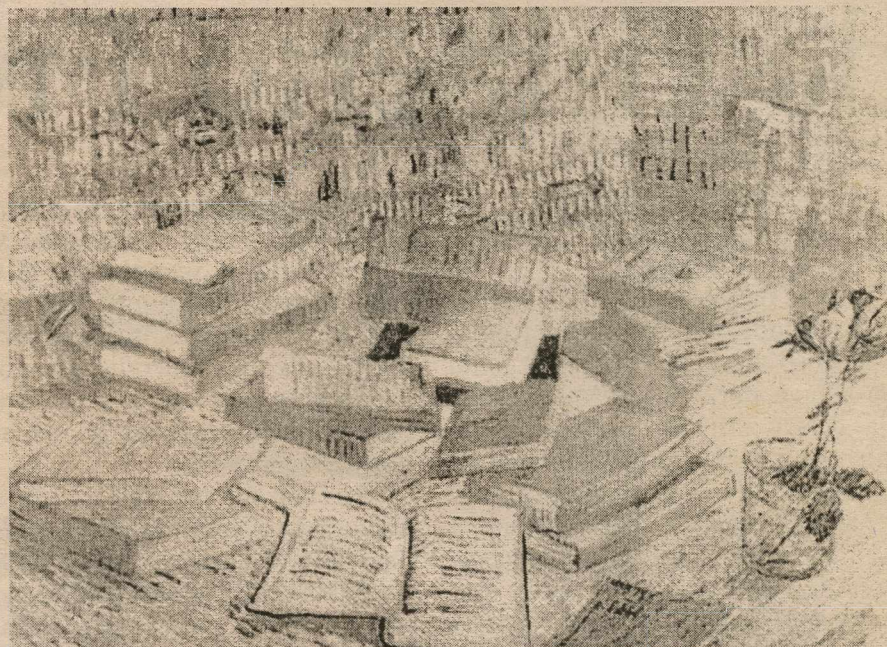
Para eles, imortais, o tempo se transfigura em eternidade. Pois a imortalidade é a vida contínua e eterna.

Todos os povos e religiões acreditam: desde os gregos de Aristóteles, de Sócrates e de Platão, até os romanos de Júlio César, de Marco Antônio e de Otávio Augusto, passando pelos cristãos de Cristo, pelos judeus de Moisés, pelos muçulmanos de Maomé, pelos budistas de Buddha, pelos hindus dos Vedas e pelos brâmanes de Ramayana.

Apesar de imortais, os acadêmicos são efêmeros e transitórios. Só as Academias são duradouras e permanentes.

Elas raramente procuram candidatos. São eles que têm de bater às suas portas, sempre abertas a todas as candidaturas justas e respeitáveis, democraticamente apresentadas.

Autênticas sucessoras das Arcádias do Século 18, as atuais Academias não são maniqueístas e almejam objetivos que só serão atingidos daqui a quatro ou cinco gerações, quando muitos anos já terão decorrido depois dos acadêmicos.



O zelo pelos livros e pela língua é uma das funções das academias de letras

O católico francês Charles Péguy chamava a atenção para o instante em que o homem maduro, certo dia, verifica, surpreso e melancólico, que a juventude ficou para trás. E o gênio alemão Johann Wolfgang von Goethe, nascido em Frankfurt am Main, e que hoje em dia é mais atual do que nunca, tenta, no seu "Fausto", vender a alma ao demônio Mefistófeles, numa troca com a imortalidade, em cujo sonho se encontra a mais feliz das ilusões do outono e a mais alegre das antevisões do inverno.

Dizia ele: "Aí vindes, outra vez, inquietas sombras".

Como indômitas e tenazes vigilantes do idioma e da literatura de seus países, as atuais Academias têm sido um desmentido vivo aos vaticínios pessimistas que prevêm vida curta aos organismos literários, porque vêm sobrevivendo há muitos e muitos anos (a Académie Française já tem mais de três séculos e meio), sempre fortalecidas na veneração de todos os seus compatriotas.

Transformadas em instituições de respeito, elas foram, são e sempre serão inexpugnáveis cidadelas intelectuais, admiradas pelas suas tradições e cerimônias, cultos e protocolos. Ao longo dos anos, têm continuado sempre as mesmas, indenes e a salvo das convulsões e dos temporais políticos, como santuários de valores eternos e imortais.

As Academias estão divididas somente e sempre entre os que se vão e os que estão chegando, com apenas uma síndrome e um tabu: o de que, lá dentro, não se deve falar em vagas, pelo menos enquanto elas não existirem.

Porque alguns candidatos costumam vislumbrar nos acadêmicos apenas dois VV: o V de voto e o V de vaga.

O acadêmico potiguar, e meu primo, João Wilson Mendes de Melo costuma aconselhar os seus colegas, quando atravessarem uma rua, a terem cuidado com o tráfego e a disparada dos automóveis, por, afinal de contas, eles são imortais, sim, mas não tanto...

Não são imorríveis.

Murilo Melo Filho é jornalista, Conselheiro da ABI, Membro Titular do Pen Clube do Brasil e Membro Efetivo das Academias Norte-rio-grandense e Brasileira de Letras.

Ubirajara Macedo



A vida pode recomeçar aos oitenta, se os sonhos se renovam e a alma não se apequena. O jornalista Ubirajara Macedo, por exemplo, é desses homens que sabem alcançar os horizontes oferecidos por cada idade. Agora, no oitavo decênio da vida, perto de ganhar o título de Cidadão Natalense, (por iniciativa do vereador Emilson Medeiros), relaxado das tensões que o mantiveram preso à rotina das redações e das repartições públicas por

longos anos, tendo ajudado a criar na cidade uma entidade voltada para a terceira idade e contribuído para que a criação do Clube dos Amantes da Boa Música se tornasse rotina do lazer dos natalenses de todas as idades, se lança à redação do seu livro de memórias/crônicas/reportagens. Em entrevista exclusiva ao jornalista Nelson Patriota, editor de O Galo, Ubirajara Macedo conta como será o livro e fala de vida, política e jornalismo.

O GALO - O que significa para um jornalista nascido em Macaíba, como você, e que passou uma parte de sua vida profissional fora de Natal, receber o título de Cidadão Natalense, na altura dos 80 anos?

Ubirajara Macedo – Olha, Nelson, eu fico muito tranqüilo, muito satisfeito. Eu amo esta cidade, e apesar de não ser poeta, o amor a Natal me fez escrever um poema que depois recebeu música, de Sydney Palmeira, filho de um associado do Clube dos Amantes da Boa Música-CLAMBOM. O bem que eu quero a esta cidade me fez fazer o sacrifício

de ser poeta. Eu até peço desculpas no poema por não ser poeta.

O GALO - Quando você chegou a Natal?

U.M. - Eu cheguei a Natal, menino. Meu pai era funcionário dos Portos, Rios e Canais servindo em Areia Branca, embora tenha nascido em Macaíba. Ele veio para cá dirigir aquela parte da praia da Limpa de fixação de Dunas, em Santos Reis, onde só havia três casas. Natal tinha 40 mil habitantes. Posso dizer que vi esta cidade crescer. Assisti a muita coisa em Natal, inclusive a chamada Intentona Comunista, em 1935, que tenho hor-

ror a este nome. A nossa casa encheu-se de amigos fugindo do matraqueado de metralhadoras ali na Cidade Alta, e até trincheira construída. Eu tinha 15 anos, era muito tímido, não tinha amizades em Natal. Nós chegamos de Areia Branca em julho e isso foi em novembro. Eu ficava ouvindo rádio – naquele tempo não havia televisão – já com aquela tendência para gostar da música popular brasileira.

O GALO - Que artistas pontificavam no rádio nessa época?

U.M. – Pontificavam artistas como Orlando Sil-



Nas reuniões periódicas do Clambom é comum a presença do público jovem, que tenta ser 'conquistado' para a boa música popular, quer local, nacional ou estrangeira, frisa Bira

va, Carlos Galhardo, Chico Alves. Ainda não tinha começado a época de Nelson Gonçalves. Fui estudar no Ateneu e me dei muito bem porque o corpo docente era excelente.

O GALO – Que professores lhe impressionaram mais?

U.M. – Edgar Barbosa, Câmara Cascudo, Luís Wanderley, Clementino Câmara, Celestino Pimentel. O prof. Celestino era um polivalente, faltava o professor de francês, ele dava a aula de francês; faltava o professor de inglês, ele dava aula de inglês. Até latim ele ensinava. Por aí você tem uma idéia do nível dos nossos professores. Waldemar de Almeida era o professor de música.

O GALO – Qual era a função do professor Celestino Pimentel?

U.M. – Ele era o diretor-geral do Ateneu. Era um homem de muita cultura, muito sério, muito compenetrado. Tinha gente que não gostava dele, mas eu não, eu gostava. Tive a oportunidade de conversar com ele a sós, algumas vezes, e isso só fez aumentar minha admiração por ele.

O GALO – E Câmara Cascudo, que impressão lhe deixou como professor?

U.M. – Cascudo era uma pessoa admirável, que cativava os alunos pela simpatia e pela erudição, mesclando as aulas com histórias pitorescas, ilustrativas. Era um privilégio para um estudante daquela época poder dizer que era aluno de Câmara Cascudo.

O GALO – O seu primeiro emprego já foi como jornalista?

U.M. – Não, eu era funcionário dos Correios

e Telégrafos, e era muito ligado a esporte – futebol – era muito amigo de Roberval Pinheiro, editor de Esportes da Tribuna do Norte, que me convidou para trabalhar com ele no jornal, no começo dos anos 60. Antes, com a fundação da Rádio Nordeste, em 1956, Aluizio Menezes me convidou para trabalhar no radiojornalismo esportivo da Nordeste. Passei seis anos lá. Depois é que fui para a Tribuna. Trabalhei primeiro na República com Jurandir Barroso, e quando Aluizio fechou a República fui para a Tribuna, por intermédio de Afonso Laurentino. Quando rebentou o movimento de 64 eu estava lá. Waldemar Araújo estava de férias por seis meses, para fazer uma operação muito melindrosa no Recife. A direção da Tribuna me convidou para ficar na direção do jornal. Eu estava novo em jornal. No dia em que rebentou o movimento, eu tinha acabado de fechar a Tribuna do dia 1º de abril e ido para casa. De repente, chegou um carro do jornal para me buscar, por ordem de Aluizio, para refazer o jornal. Cheguei na Tribuna e Aluizio me telefonou: “Bira, tudo bem por aí?”. “Tudo bem, Governador, já fechei o jornal”. “Não, você tem de desmanchar e refazer tudo de novo”, ele falou. E aí desmanchei, mas só a primeira e a última página, porque o miolo era matéria fria, não tinha problema. Acabei esse trabalho com Aluizio no telefone me informando. Você sabe que disseram depois que o golpe começou em 31 de março. Começou não. Começou aos oito ou dez minutos do dia 1º de abril, dia universal da mentira, como se sabe, daí a data recuada. Resumindo a história, eu refiz o jornal e saí da redação às cinco da manhã. O jornal saiu um pouco mais tarde, mas tinha que sair mesmo!

O GALO – Como foram os dias subsequentes ao golpe?

U.M. – Foram dias muito tensos. Eu era um dos que esperavam ser presos a qualquer momento. Eu era secretário dos Correios e Telégrafos. Paralelamente ao jornalismo eu exercia a profissão de funcionário público e Luís Gonzaga de Souza, professor, naquela época muito conhecido em Natal estava para ser nomeado diretor dos Correios. Ele me chamou e disse: “Bira, eu só aceito a direção dos Correios se você for meu secretário”. Eu argumentei que era um homem simples, que não gostava dessas coisas, mas como havia interesse da nossa entidade de classe, a União Brasileira de Servidores Postais Telegráficos em fazê-lo diretor, eu aceitei. Os Correios e Telégrafos daquela época eram dirigidos por um coronel ligado a Brizola, coronel Dagoberto Rodrigues, gaúcho impetuoso como Brizola. Por isso, todos nós, servidores dos Correios, esperávamos ser presos a qualquer momento. Os auxiliares de Luís Gonzaga foram presos, inclusive eu. Fui preso no dia 7 de abril, vindo do Rio de Janeiro, tendo deixado Walter Gomes na secretaria da Tribuna.

O GALO – Qual a acusação que pesava contra você?

U.M. – Eu trabalhava no Jornal da Tarde, de Djalma Maranhão, assinando uma coluna onde fazia críticas aos militares e aos setores entreguistas do país. A coluna se chamava *Coluna Nacionalista*, e era muito mal visto pelo poder econômico.

O GALO – Você ficou preso onde?

U.M. – Fiquei preso no 16 RI, em Natal.

O GALO – Você chegou a ir a julgamento, a responder a processo?

U.M. – Sim, fui a julgamento e peguei pena de um ano de prisão. Antes do julgamento, quando ainda estava em prisão celular, meu advogado Ítalo Pinheiro conseguiu habeas corpus transformando a prisão celular em prisão domiciliar. Assim, toda quarta-feira, tinha que me apresentar aqui no QG.

Em julho de 1966, ainda por castigo, fui transferido para São Paulo. Toda quarta-feira, me apresentava na Brigadeiro Luís Antônio, ainda com prisão domiciliar, Junta de Julgamento, essas coisas. Fui condenado à revelia, porque não pude me apresentar em Recife, já que continuava trabalhando nos Correios normalmente. Quando fui para lá, alguém daqui quis me apresentar a um jornalista de São Paulo, para conseguir trabalhar no meio jornalístico paulista. Agradei, mas recusei a proposta. Se eu tivesse de vencer no jornalismo de São Paulo, seria por meus próprios méritos. Não queria apresentação de ninguém, depois eu fracasso e aí como ficava?

O GALO – E você demorou a conseguir uma colocação no jornalismo paulista?

U.M. – Passei quase um ano sem trabalhar em jornal. Quando foi um dia, um amigo me disse: “Bira, você está com tempo livre, que tal passar uns dias como office-boy de um escritório de bolsas femininas, na Barão de Itapetininga?”. Eu disse: “Quero!”. A minha salvação foi aí. Trabalhei como office-boy, não tenho vergonha disso, além

do mais eu precisava, porque a vida em São Paulo era caríssima. Eu não conhecia ninguém de jornal, mas o que me salvou, repito, foi isso aí porque lá para as tantas eu falando a um rapaz que era relações públicas da loja (o nome da firma era Bolsas Kelson) que eu era jornalista e estava ali quebrando um galho, ele disse: "Bira, você se sujeita a trabalhar da meia-noite às seis da manhã na Rádio Piratininga, aqui bem pertinho, na 24 de Março?". Era para fazer o jornal falado da rádio. Eu sozinho. Não titubeei: "Aceito", foi minha resposta. Eu morava a 25 minutos da rádio. No dia seguinte, me apresentei a Amaury Vieira, um alagoano que era superintendente da rádio, que me explicou o trabalho e comecei a trabalhar naquela mesma noite. Eu teria de produzir doze laudas por noite. Às duas horas da madrugada eu ligava o rádio para pegar as primeiras notícias do dia para lançá-las no primeiro jornal falado da manhã seguinte. O programa chamava-se "Rotativa no ar". Eu aproveitava algum tempo vago para dormir ali mesmo no birô. O vigia me acordava em horários combinados. Eu tinha de preparar até às seis da manhã uma lauda e meia de notícias para o primeiro noticioso da rádio, e só saía quando o locutor chegava. Naquele tempo eu dormia bem, mesmo em cima de um birô.

O GALO – Quanto tempo você enfrentou a dupla jornada de trabalhar madrugada a dentro na rádio e nos Correios, durante o dia?

U.M. – Durou dois anos essa agonia. Com um ano e oito meses, eu encontrei com Manoel Chaparro, um jornalista português que trabalhou um tempo na "Ordem", de Ulisses de Góis. Chaparro era da equipe de Calazans Fernandes, que havia sido secretário de Educação de Aluizio Alves, havia trabalhado no jornalismo pernambucano, enfim era uma pessoa que eu conhecia bem. Perguntou o que eu estava fazendo. Eu falei das dificuldades que estava passando para manter uma porta aberta no jornalismo de São Paulo. Ele perguntou: "Bira, você aceita trabalhar na "Folha", na equipe de Calazans? Chaparro explicou que Calazans dirigia uma equipe responsável por uma publicação quinzenal, distinta do jornal diário. O meu salário lá era mais do dobro do de um jornalista da Folha. O mais fraco da equipe era eu! Tinha Gaudêncio Torquato, que nessa época já era professor da Universidade de Comunicação Casper Líbero. Trabalhei na Folha um ano e meio, quando houve um choque muito grande entre Octavio Fria e Caldeira, um sócio dele, de Santos. Calazans foi o motivo. Caldeira passou seis meses no exterior. Quando regressou, voltaram a conversar e o resultado foi a queda de Calazans. Com ele, saíram mais de duzentas pessoas, porque naquela época o jornal estava implantando offset, mas tinha uma sala de linotipo imensa, desenhistas, organizadores de layout, etc. As demissões foram acontecendo aos poucos, eu saí na terceira ou quarta leva.

O GALO – Depois que você saiu da Folha, recebeu alguma proposta de trabalho?

U.M. – Continuei trabalhando nos Correios e meses depois recebi uma proposta de um coronel

Natal, 01 de março de 2000

Para o amigo Bira,
de sua espalhafatosa e secreta
amiga, gritada pelos quatro cantos do
mundo.

Bira, a verdade não se enrosca nos cobertores. É verdade que duvidam de minha existência, minha vida é fruto de galhofas e zombarias; venho aqui para provar minha vida e meu amor, o puro amor, o amor próprio que apenas as amantes sabem fazer. Abro meu coração a teu corpo, abro minha alma, abro a porta, fecho a porta.

Abro os caminhos e abro a felicidade, abro meu pensamento, abro a caixa da feliz idade.

Bira, bem abro tudo no mundo, só fecho as portas no céu. Obrigada, Bira, agradeço por propagar meu nome, eu filha de Macaíba, amante profissional da terra de Aute de Souza, beleza molecular de poesia e bebidas.

Fragrâncias consoladoras de candeeiros e festas.

Mulher de poder virginal, vítima da felicidade de te conhecer, sonhadora e temente do amor.

Obrigada, Bira, por propagar meu nome em vão, em verso, em poesia.

Minha fama internacional restaura minha alma, renova meu guarda-roupa, trilha minha prece.

Saudade de você, obrigada, Bira, por minha praia, meu canto, meus encantos.

O mundo grita meu nome. Na praia, no monte, por trás dos montes.

Na frente os amantes, os errantes, nas mentes à noite, nos becos os bêbados equilibristas. Saudando as rosas, falando de amores falando de você.

Bira, esta é para você, filho de Macaíba.

Bem!...

Ao divino Bira

Em Bira adoremos o grito da Poesia
A boca mística do beijo
Tecida com grito do Bem!...
Bem com beijos, luz e harmonia
Gerada pela alma da graça do amor

Em Bira adoremos o gênio bendito
O homem sem par, com parceiros, amigos e amante
Que mostra visível o bem infinito
Nas sílabas dos versos e cantos

Em Bira adoremos a voz feliz, música da luz
Cantando a vida da mãe poesia
Do pai verso
Do filho canto
Da amante santa
Da santa e feliz amante

Em Bira adoremos o meigo gigante
O claro cabelo o belo semblante
Arrastando os amores mais triunfantes
Brilhando na glória, na Maria, na Lurdes
O sol da manhã é apenas testemunha

Mas como adorá-lo? Dando vida ao pranto
Traduzindo o som em canto
Sonhando o hino piedoso, mais belo, menos santo

O bem, o mestre adoremos, enlacemos gritos
Em torno de sua beleza, que é verdade e amor
Seu cabelo doire nossas fontes
Sua calma grite forte meu desejo
Venha a nós sua felicidade para nossas almas
Com o grito bem! bem forte te amamos

a) Joaquina,
sua criação maior

do Exército, Astrogildo Correia, conservador, para ser secretário-geral de um jornal de bairro que ele fazia. Trabalhei com ele cerca de um ano. Depois eu estive seis meses na Editora Abril. Quando eu estava tomando gosto pelo trabalho, fui aposentado pelos Correios, em junho de 1971. Pedi minhas contas da Abril. Eu precisava voltar para Natal, agora que tinha minha aposentadoria, e achava que conseguiria um trabalho em Natal. Como de fato consegui.

O GALO – De volta a Natal, você conseguiu trabalho logo?

U.M. – Sim, comecei a trabalhar com o livreiro Carlos Lima nos "Cadernos do Rio Grande do Norte", uma revista que ele estava pensando em fazer há tempos e estava só aguardando minha volta para lançá-la. Depois fizemos "Folha dos Municípios". Algum tempo depois, Luís Maria Alves, que na época era superintendente do Diário de Natal soube que a "Folha dos Municípios" estava em di-

ficuldades e me fez uma proposta de trabalho por intermédio de Cassiano Arruda. Eu mesmo não ia pedir emprego a Luís Maria Alves, sabendo a opinião que ele fazia a meu respeito, me tachando de comunista, que na boca dele era o maior palavrão! Falei a Cassiano: "Cassiano, Luís Maria Alves me tem como comunista, ele não me quer no Diário". Cassiano explicou que ele havia mudado de idéia a meu respeito, desde que encontrou-se comigo em São Paulo, anos atrás, saindo à meia-noite dos Correios, onde eu trabalhava, para ir para o outro trabalho na Rádio Piratininga. Desde então, segundo Cassiano, Alves ficou admirando meu esforço, por isso que me convidou para trabalhar no Diário. E não é que ele contou essa história, certa vez, lá na redação do Diário? "Ele (eu) está aqui não é pelos belos olhos dele não...". E detalhava a história sobre o nosso encontro em São Paulo. Trabalhei com Alves mais 17 anos e, por fim, me aposentei pela segunda vez. Durante esses anos, fui apenas duas ou três vezes ao gabinete dele, sempre

por motivos profissionais. Quando fundamos o Sindicato dos Jornalistas e eu fui eleito vice-presidente e Arlindo Freire presidente, falei para ele, meio brincando, meio a sério: "Quero lhe comunicar, 'seu' Alves, que fui eleito para o Sindicato dos Jornalistas e sei que o Sr. não gosta de sindicatos...". Ele disse, "Não, quero você lá, porque você não é dos mais radicais, vai até nos ajudar!".

O GALO – Como você se sente na condição de aposentado?

U.M. – No princípio, sofri muito. Às vezes, até me angustiava. Pensava: o que é que vou fazer agora, eu, que era habituado a trabalhar regularmente. Foi aí que apareceu esse negócio de universidade da terceira idade. Eu estou lá desde o princípio, sou um dos pioneiros. Fiz um curso de espanhol, fiz leitura dinâmica, agora estou fazendo informática. Agora, estamos organizando uma turma de italiano, e eu já adiantei que quero participar, não é pela novela não, ("Terra Nostra", da Rede Globo) que eu nem assisto. É porque considero o italiano uma língua de uma música popular riquíssima, coisa que sempre despertou meu interesse.

O GALO – A propósito de música, você é um dos fundadores do Clube dos Amantes da Boa Música, mais conhecido por CLAMBOM. Quando começou esse projeto?

U.M. – A história do Clambom, que já tem oito anos, é a seguinte: Luís Cordeiro, que era muito meu amigo, trabalhava nessa época na Rádio Poti, (havia chegado há poucos dias de Belo Horizonte) e aí disse: "Bira, estamos organizando um grupo só de pessoas que gostam da boa música brasileira. O nome é exatamente este: Clube dos Amantes da Boa Música e foi uma experiência que fiz com sucesso em Belo Horizonte e em São Luís. As reuniões começaram na casa de Glorinha Oliveira, no Beco da Glória, que é ali na Rua do Motor. Eu, ele, Lourdinha Pereira, minha mulher, Adriel de Souza Lima, Lucinete Viegas, Liz Noga, e mais alguns poucos. Juntamos um dinheirinho e comparamos um som modesto, isso em abril de 1992.

O GALO – E como foi essa experiência do Clambom em Natal?

U.M. – Não tenho dúvida em dizer que foi um sucesso, como ainda é, hoje. Conseguimos formar um grupo coeso e unido em torno da boa música brasileira que continua rendendo frutos.

O GALO – Quem é o atual presidente do Clambom?

U.M. – O atual presidente é Adriel de Souza Lima, um dos fundadores do clube, e que vem realizando um bom trabalho em favor da boa música e da integração dos sócios.

O GALO – Quantos sócios o Clambom tem hoje?

U.M. – O Clambom chegou a ter 102 sócios, um número muito grande. Fizemos uma mudança no estatuto e reduzimos o quadro. A filosofia do Clambom, hoje, é a de organizar de quinze em quin-



O escritor carioca Sérgio Cabral (de óculos, ao centro) foi uma das personalidades nacionais que se integraram ao espírito do Clube dos Amantes da Boa Música natalense, aqui fazendo muitos amigos

ze dias uma festa na casa de um associado, ou num sítio, numa granja, ou até num restaurante. Mas principalmente resgatar a boa música brasileira, que pouco se ouve na cidade, e fazer com que a mocidade tenha acesso a essa música.

O GALO – E vocês vêm fazendo isso hoje?

U.M. – Este ano está meio ruim porque o carnaval nos atrapalhou. Normalmente, entramos em recesso em janeiro e fevereiro, retomando as atividades em março. Mas em março, este ano, teve o carnaval. Aí muita gente viajou, aí só no final de abril é que começamos a retomar as atividades normais do Clambom. Uma das festas que tivemos este ano foi o meu aniversário, no dia 1º de março, que não foi propriamente uma festa do Clambom. No entanto, os amigos do Clambom organizaram um jantar. Eu não queria fazer, porque é sempre uma despesa muito grande. Eles organizaram como uma festa de adesão – um jantar – na casa do procurador aposentado da Polícia Federal, Jaime Aquino. Foi uma festa especial, agradei a ele, nossos amigos todos compareceram, enfim, valeu o esforço.

O GALO – O Clambom já organizou grandes eventos culturais na cidade. Quais você destaca?

U.M. – Trouxemos aqui Sérgio Cabral, Hermínio Belo de Carvalho, Tárik de Souza, Henrique Cazes, entre outros. Sérgio Cabral não esquece, de vez em quando liga e pergunta como vão as coisas aqui. Além disso, realizamos festas maravilhosas. Como aquela no Hotel Sol, em dezembro de 1995, para comprar um bandolim para Damião, um músico do nosso quadro. O bandolim dele foi roubado. Antes de começar a festa, ele já

estava com um bandolim novo. Foi um sucesso!

O GALO – A propósito, é verdade que o Clambom está diversificando a música que anima suas festas?

U.M. – Em parte, sim, mas no geral, a música do Clambom é a MPB nacional. Hoje, porém, já é freqüente que músicos e instrumentistas da nossa cidade abrihantem as nossas festas com seus trabalhos baseados na filosofia musical do clube.

O GALO – Como você avalia o atual cenário musical natalense?

U.M. – Natal tem grandes artistas musicais, como Babal, Galvão Filho, João Salinas, Lany Cardoso, Pedro Mendes, Carlos Zens, para citar só alguns dos mais conhecidos. Mas a lista certamente é muito maior, com certeza.

O GALO – Você não acha que há um certo descompasso entre o que a MPB oferece e aquilo que aparece nas emissoras de rádio e televisão, de um modo geral, com as exceções de sempre?

U.M. – Concordo plenamente. Das nossas emissoras FM, só tiro aqui a 104. Antigamente ela só tocava MPB, hoje toca música estrangeira de boa qualidade. Não tenho nada contra uma boa música estrangeira. Então eu louvo a 104 por isso. As outras são uma lástima, tem de se dizer.

O GALO – Você está preparando a publicação de um livro. De que trata ele?

U.M. – O meu livro vai se chamar: "E lá fora falava-se em liberdade...". Esse título nasceu no dia 7 de abril de 1964, dia em que fui preso. Lá da prisão, dava para ouvir os alto-falantes que anunciavam um ato religioso que ia haver à tarde, às 6:00h, em frente à catedral velha. Os alto-falantes

diziam: “esperamos que o povo natalense venha agradecer a Deus por essa liberdade que desfrutamos hoje etc...”. E eu dizia para mim mesmo: “que ironia, enquanto falam, lá fora, em liberdade, eu estou aqui, preso”. E imaginei que, se um dia eu escrevesse um livro, ele teria este título: “E lá fora falava-se em liberdade...”.

O GALO - Qual o plano de organização do livro?

U.M. - O livro tem o subtítulo: “Do cárcere a Cáceres”. Cáceres é uma cidade de Mato Grosso para onde fui transferido pelos Correios dois anos e meio depois que estava em São Paulo. Passei só 48 horas lá. Retornei para São Paulo. O resto da história vocês vão ver no livro. Quanto ao plano de organização, o livro foi organizado por módulos. O primeiro trata da minha prisão, o que sofri, a minha ida para São Paulo, etc. O segundo módulo é uma seleção de crônicas que publiquei no jornal “Folha da Tarde”, de Djalma Maranhão, e que consegui coligar com a ajuda de Enélio Petrovich, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. O terceiro são reportagens que fiz e que foram premiadas, além de escritos mais pessoais, poemas, etc.

O GALO - Qual a sua previsão para o lançamento do livro?

U.M. - Bom, por enquanto o livro está organizado só na minha cabeça, mas estou fazendo um curso de informática para começar a colocá-lo no papel, ou melhor, no computador. E aí a coisa vai andar rápida. Pretendo lançá-lo ainda este ano.

O GALO - E no gênero ficção, você tem algum projeto?

U. M. - Logo que eu conseguir lançar “E lá fora falava-se em liberdade...”, pretendo escrever outro livro, desta vez de ficção. Tenho na mente o livro “Dona Joaquina e seus mil amores”, ou então, “A saga de Dona Joaquina”. Essa Joaquina nasceu de uma excursão à Europa que fiz com Paulo Frassinetti, Paulo Lucas, e outros amigos. Fazíamos o roteiro das ilhas gregas, de navio, quando Paulinho Lucas, descendo uma escada, gritou para mim: “Bira, como vão as coisas! Eu respondi: “Olha, Paulinho, como Dona Joaquina diz sempre, as coisas estão indo em ordem”. Ele perguntou quem era dona Joaquina, e a gente começou a criar a biografia dela, repleta de aventuras picantes. A personagem foi se tornando popular entre o grupo e hoje todo mundo quer saber quem é dona Joaquina. Quando viajamos a Florianópolis, fomos à Praia da Joaquina. Aproveitei para dizer que dona Joaquina terminou seus dias ali, daí a praia levar seu nome. Outros dados de sua biografia informam que ela nasceu em Macaíba, mudando-se depois para Natal, onde foi amicíssima de Maria Boa, e teve amantes dos mais diversos extratos sociais. Mas o projeto “Dona Joaquina” é uma coisa muito hipotética ainda. Meu objetivo para este ano é terminar o livro que já iniciei, e que será uma espécie de testamento existencial, contendo minha visão de mundo, e o relato dos fatos que marcaram a minha vida, direcionando-a para a trajetória que ela teve de cumprir.

No reino dos cardeais

José Melquíades

Houve um tempo, na administração do Ocidente, que os reinos eram governados por eminentíssimos cardeais. Vejamos alguns exemplos dignos desse reverendíssimo nome. Na França de Luís XIII, dominava fortemente o todo-poderoso cardeal Richelieu. Quando deixou o ministério, indicou como seu legítimo substituto o seu colega cardeal Mazarino, o qual continuou com Luís XIV e muito concorreu para a grandeza do seu reinado. Com a morte de Luís XIII, Ana d’Áustria foi declarada regente do trono, uma vez que seu filho era menor de dez anos. Mazarino governou a França durante outros dez anos. Era confessor, confidente e amante da rainha-mãe. Alguns historiadores afirmam que os dois se casaram secretamente. Talvez até faça parte das virtudes cardeais. Tudo é possível àquele que crê, disse Jesus aos seus discípulos, não me compete discutir o mérito dessas virtudes infusas.

Na Espanha, no reinado de Isabel, o seu confessor era o cardeal Jimenez (Ximenes) Cisneiro. Logo foi nomeado regente de Castilla, cargo que exerceu duas vezes. Aos 50 anos entrou para a Ordem dos Franciscanos e, aparentando grandes virtudes e hipócrita humildade, desprendidamente vestia-se com o hábito dos capuchinhos, calçava sandálias rústicas e perseguia hereges, encarcerando os recalcitrantes. Além de político, era também inquisidor do Santo Ofício, função eclesiástica que sempre foi muito honrosa, na Espanha católica. Isso me faz lembrar, nessa pátria de Quixotes e Sanchos, o que aconteceu com um arrogante pedinte ao estirar a mão a um visitante implorando-lhe uma esmola. Este ao vê-lo robusto, forte, sa-

dio e jovial, faz-lhe a seguinte observação: por que você não trabalha para se sustentar? E ele respondeu arrogantemente – “Estou lhe pedindo uma esmola e não um conselho...”. Eis ironicamente uma falsa fidalguia. Voltemos à ceia dos cardeais.

No reinado de Luís XII, quem mandava era o cardeal Georges D’Amboise como seu primeiro-ministro. Ele fortaleceu o poder da França na Itália para onde foi nomeado vice-governador. Encheu-se de tanta vaidade que até tentou eleger-se papa. Foi derrotado no Conclave pelo italiano Francisco Todeschini que tomou o nome de Pio III. Todeschini foi de pouca sorte: morreu 30 dias após a investitura pontifícia. Francisco I, rei da França, filho de Louise de Savoy, teve como primeiro-ministro o cardeal Antoine Duprat, o qual, além de prelado, foi também conselheiro judicial, advogado da coroa de Toulouse e lieutenant de bailliage, o que significa juiz do rei, perante o Tribunal de Justiça. Na Inglaterra de Henrique VIII, durante 20 anos, o primeiro-ministro foi o cardeal Thomas Wolsey, que também era capelão da corte, chanceler e homem de confiança do rei. Nenhuma decisão se tomava sem ouvi-lo. Nesse tempo, Henrique VIII era católico e gozava das graças do Vaticano. Somente em 1534 é que rompeu com a Santa Sé pelo divórcio de Anna Bolena. Wolsey já estava morto. E assim as coisas corriam eclesiasticamente nas chancelarias dos reinos.

Carlos V, rei da Espanha, nomeou o cardeal Adriano Florisz Goeyens como primeiro-ministro. Era holandês de nascimento e teve mais sorte do que o francês Amboise. Eleger-se papa com o nome de Adriano VI. Foi o primeiro e único pontífice holandês, como Adriano IV (Breakspere) foi também o primeiro e único papa inglês. E a púrpura cardinalícia continuava roçagante nos salões das cortes. Em Flandres, o cardeal Antoine Granvelle



A Basílica de São Pedro, no Vaticano, é um centro de peregrinação dos cardeais de todo o mundo.

foi governador, além de ministro de estado a serviço de Carlos V, depois pessoa de confiança de Filipe II. Para coroar sua purpúrea carreira de estadista, foi nomeado para o Conselho de Estado, na Espanha, o único membro do Conselho que não era espanhol. Só lhe faltou ser papa. Homens de sorte!

Já o cardeal Gyorge Martinuzzi, latinizado Murtinuius, nascido na Croácia, desenvolveu atividade política na Hungria. Com a morte de Janós Zápalyz, foi nomeado guardião e regente do infante João Signismud, tornando-se praticamente governador da Hungria. Fez as pazes com a Áustria e a Turquia, mas caiu no ódio de Isabelle, mãe de Sigismund. Ela renunciara seus direitos em favor do filho Ferdinand e este, incompetente em exercer dignamente suas funções reinóis, pensou que o cardeal o traía. Mandou matá-lo em Avincz.

Honrosa exceção cabe ao cardeal português Dom Henrique, 17º rei de Portugal. Bispo de Braga e de Évora, em 1546 recebeu a púrpura cardinalícia que lhe foi concedida por Paulo III, o papa que encarregou Michelangelo de pintar o Juízo Final na Capela Sistina. De 1562-68, Dom Henrique exerceu a regência durante a menoridade de seu sobrinho Dom Sebastião. Com a morte deste, assumiu o poder real. Durante seu curto reinado encarregou-se de entregar Portugal a Filipe II, conforme relata Teófilo Braga. Com Dom Henrique extinguiu-se a dinastia de Avis. Uma reflexão final: por que os reis se serviam mais dos eclesiásticos do que mesmo dos generais? É que os prelados se mostravam mais aptos para os negócios diplomáticos e eram mais instruídos do que os militares, que só se prestavam a manobras belicosas. Muitos deles acabam traindo o monarca. Veja-se, entre outros, o caso de Cromwell e do almirante Colligny, responsável direto pela noite de São Bartolomeu de cuja matança ele mesmo foi uma das vítimas. E o que dizemos do Brasil? O Padre Feijó não foi cardeal, mas foi vice-rei plenipotenciário. Aqui mesmo, em nosso Estado, um dos melhores governadores foi o Monsenhor Walfredo Gurgel. Pelo menos esses eclesiásticos se mostraram honestos na administração dos dinheiros públicos.

Talvez o Brasil esteja ainda à espera de um cardeal para salvar a alma da pátria. É a única esperança que nos resta. Peçamos a Deus que não se esqueça de vez desse povo tão esperançoso. Graças a Deus, agora já dispomos de uma legião de bem-aventurados brasileiros aos quais podemos dirigir as nossas súplicas, pedindo-lhes que nos sirvam de intermediários junto ao trono do Altíssimo. No dia da beatificação, já nos deram a prova do primeiro milagre. Levaram até a Basílica de São Pedro uma peregrinação de humildes políticos, todos pagos pelos cofres públicos e assim todos eles deram testemunho de sua fé inabalável. É isso que o Brasil precisa, precisa de homens de muita fé. Ainda temos uma boa reserva de santos anônimos. Talvez entre estes esteja o cardeal de nossa salvação.

José Melquiades, norte-rio-grandense, escreveu, entre outros livros, *História do Seminário de São Pedro e Saturnino, Cascudo e o Clube dos Inocentes e Os EUA, as mulheres e o cachorro*

Carta a Francisco Dantas

Belluno, 12 de abril de 2000

Caro Francisco Dantas

Acabei de ler agora mesmo seu importante trabalho - Regionalismo literário? - (O Galo, fevereiro 2000). Apesar de desconhecer grande parte dos autores citados tenho algo a dizer sobre o assunto.

A Itália, de onde lhe escrevo, está dividida em duas partes culturais, o norte e o sul; os primeiros acham-se superiores aos outros, mas um dia um meridional apresentou uma tese simples e genial como sói acontecer com as genialidades: Todos estão ao sul com relação a alguma coisa.

Vale o mesmo para o regionalismo; porque Machado de Assis que só conheceu o Rio de Janeiro, não é tão regional quanto José Lins do Rego? Porque o regionalismo tem que se ambientar em cidades pequenas, ou em zona rural?

Cada homem faz sua região. Vivi muitos anos no Rio de Janeiro e em um dos bairros de maior densidade demográfica do mundo; Copacabana, todavia quanto perguntado onde morava respondia:

- Na calçada da direita da rua Inhangá!

Havia regionalizado minha vida numa metrópole, mais que isso numa rua e ainda mais num lado dessa rua. A rua Inhangá é pequena, vai até o nº 42 e, como minha casa era do lado par, morava à direita.

O lado direito era completamente diferente do outro, tínhamos nossos motes, nosso jargão, nossos gestos, tínhamos nossa província. Da mesma sorte que Woody Allen, na grande maioria de seus filmes estabelece sua província em Manhattan, na cosmopolita Nova York.

Claro que é um absurdo estabelecer que o regionalismo só medra nos países subdesenvolvidos. Não são regionalistas Luigi Pirandello, William Faulkner, John Steinbeck?

Se entendermos regionalismo como o interesse e afeto por uma região, ainda mais sendo a própria, pelos seus costumes e tradições; na literatura brasileira um dos pontos máximos é atingido por Guimarães Rosa. Li pela primeira vez Sagarana em junho de 1967, até hoje a li seguramente mais de 25



Terceiro romance de Francisco Dantas, *Cartilha do Silêncio* trata de rememoração e de remorso, experiências fundantes de seus personagens-narradores

vezes. Grande Sertão Veredas o li em 1979 e mais umas 4 vezes. O resto de sua obra não me faz muito gosto.

Com relação a esse escritor regional tenho algo interessante a contar que me aconteceu aqui na Itália. Assim que conheci minha mulher (1996), que é também uma leitora contumaz, perguntou-me sobre autores brasileiros pois só tinha lido Teresa Batista de Jorge Amado e ouvira falar de Paulo Coelho. Fui até minha livreira e encontrei um livro de contos de Machado de Assis; dias depois ligam-me da livraria dizendo ter encontrado outro autor brasileiro: João Guimarães Rosa, tinham Sagarana e Grande Sertão. Sabia que ele tinha sido traduzido também em italiano, mas duvidava ser possível manter a magia de sua regionalidade em outro idioma que não

fosse o das Gerais. A qualidade da tradução é inacreditável, primeiramente achei que tudo estava ligado ao fato do meu conhecimento dos trabalhos no original, mas quando minha mulher classificou Grande Sertão entre os romances mais importantes que jamais havia lido, entendi que em Guimarães Rosa o regionalismo havia sido universalizado.

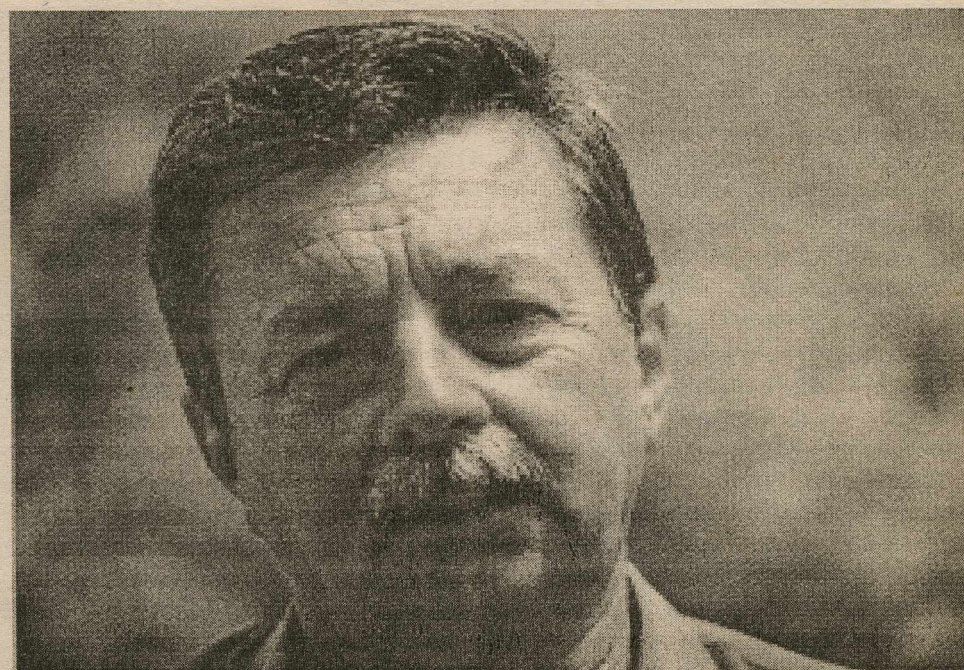
De novo parabéns pelo seu excelente e esclarecedor artigo.

Um grande abraço.

GiulioSanmartini

Via Mezzaterra, 73 - 32100 Belluno (Italia)

Tel/fax: 0437-27833



A análise de Francisco Dantas sobre a temática do regionalismo repercute na Itália, conforme mostra a carta do escritor Giulio Sanmartini

De Sete Pinotes

Bartolomeu Correia de Melo

*Na vida, o que não espero,
gosta de me aparecer.
Vejo sempre o que não quero,
em vez do que espero ver.*

Patativa do Assaré

Na vez da manhãzinha alumiar a brancura do casario, antes do sino alvoroçar as andorinhas, este começo acontecia quase igual.

Range-range de ferrolhos ecoava igreja adentro, malembrando gasguita ladainha. De fora, num vão-de-porta, Barnabé nisso acordava estrovinhado. Meio encandeado, espreguiçava-se, aos peidos, esfregando na munheca aquele olho rameloso. E limpava a vista sadia nos longes verdes do vale. Ainda zonz, desentrevava pernas calçada afora. Chegado na quina do patamar, brisa soprando na barbicha, assuntava os arredores. Da praça inteirada de sol, vinham cheiros mais de mijo que de flor. Roncando nas tripas, gastura de fome igualmente espertava.

A cara enfarruscada do sacristão enfim brotava da porta-mor. Enraivado, arrojava-lhe a vassoura.

- Passa fora, diacho de cachaceiro!

Ainda que ressecado, com três pulos, Barnabé descia os batentes. Lá de baixo, espiava arrevesado, mostrando brioso desdém. E arredava dali, ronzeiro e banzeiro, pras bandas do mercado. Calixto escancarava a derradeira porta, esbravejando pela imundice deixada.

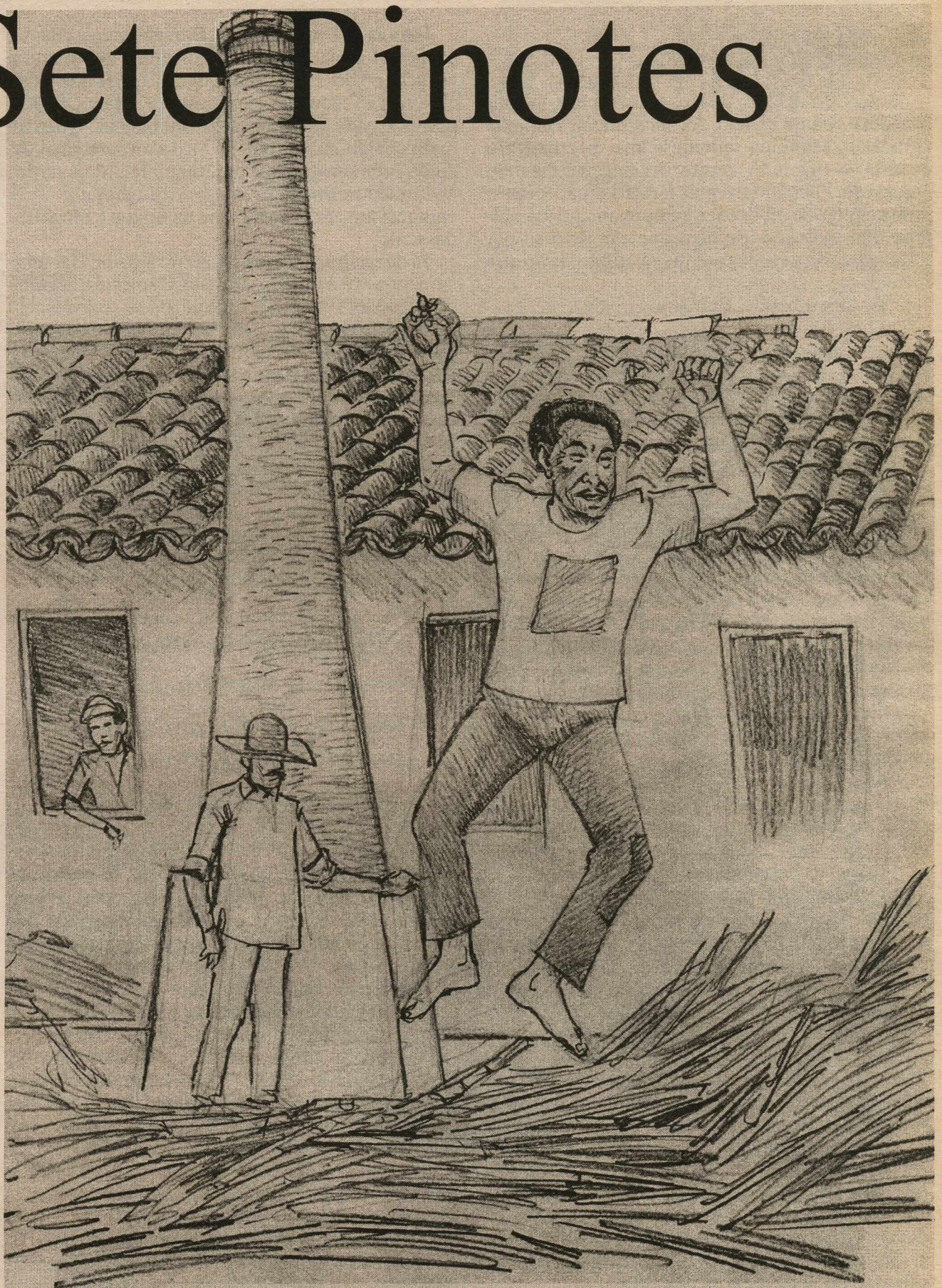
- Ah, imagem do capeta! Vai brear na porta dos infernos!

Mesmo assim enxotado do pouso costumeiro, Barnabé não desgostava do sacristão. Não que levasse aquele cujo muito a sério. Um desinfeliz dum vitalino - xeleléu com feitio de corno - bestamente esculachado nos malazeites do vigário. Tais sermões e carões sempre tinham desforra no lombo do mais coitado. Porém, depois de apaziguado, lá vinha o triste, querendo conversar desculpas. Numa humildade quase descarada, trazia sobras de ceia, misturadas com queixumes e conselhos. Embora se querendo amistoso, descostumado em branduras, chegava logo esbregando:

- Larga desse dismantelo, bode velho!...

Barnabé, olho amarelo nele posto, mais escaldado que magoado, somente mastigava e mastigava... Depois, sem gratidão nem cortesia, desguiava ladeira abaixo, naquele desvexame muito dele. Com pouco, sumia de vista, assombreado nas moitas da praça. E punha-se dorminhando, até o zabumba chamar de longe pro frege dos cabarés.

Ora, numa lembrada noite, certa parelhinha enxodozada, reinando aquelas coisas, acolá também se amoitou. Aí, no vai-e-vem do bem-bom, o caso malsucedeu. Algum gemido mais gostoso de-



certo acordou Barnabé, que abriu num berreiro desadorado. Pelo tamanho susto, deu-se a gaiata vergonha. Rapaz correndo desbraguihado, moça tropeçando nas calçolas. Na troça decorrente, diz-que casaram na igreja-verde, fundando a família dos Touceira.

E assim, dos canteiros da pracinha pras portas da matriz, assistia Barnabé. Curando as cachaças que esmolava entre bregas e bodegas.

Como quase de sempre, após corrido do sacristão, na primeira esquina, Barnabé dava-de-cara com Ciço Mirim. Esse era - embora talvez menos que Calixto - outro seu afeiçoado. Padeiro de profissão mas trovista de vocação, dava-lhe as boas-horas caçoando a mesma loa:

*- Bem cedo, vem lá-e-cá,
ná caieba que não finda.*

Aí, me pergunto: - Já?

E o bafó responde: - Ainda!

Metendo a mão no balaio, Ciço avoava-lhe um pão-doce. Num bodejo de boca cheia, Barnabé agradecia, seguindo ladeira acima. E cruzava o quadro do mercado, muito decente, se fazendo apumado. Feito mouco pras lérias dos cabeceiros; pois todo doido ou bebaço sempre apoquento nalgum dito malvado. Se bem que ele, diverso por natureza, nunca respostasse além dalguma munganga.

- Vai tomar banho, Barnabé!

Nos começos, novato no lugar, Barnabé vagueava nos derredores do mercado. Meio arisco pra pedir, passava caçando sobejos. Beiju azedo, pão dormido, verdura murcha, fruta refugada... Comeres de bicho sem dono.

No que a fome malatinou de furtar nas bancas-de-feira, quase lascou-se. Mode bruta tijolada no rejeito, andou uns tempos meio manquitola. Nisso, pareceu aprender que, capengando, melhor se haveria em mendigar. Porém, tal machucão mais atrapalhava escapulida que ajudava em compaixão. Daí que mudou de manobra, então se valendo daquela mansidão apalhaçada, de melhor efeito. Assim, apadrinhado pelo deboche alheio, vivia Barnabé, mais do copo que do prato. Pois, sustança de comida, sendo caridade obra vasqueira, lhe davam menos que folgança de bebida. Mas, aqui-acolá, seu jeito bisonho se arri-mava nalgum bom coração.

Como bem, no local de Dasdores, nem pedia; bastava chegar. E quieto num canto, derrotava sua tigela de cuscuz-com-leite. Isso sim, passadio de gente. Dava dois arrotos, tidos como obrigado.

- De nada, Barnabé. Tu me dás sorte!

Aquela amizade tinha estória. Um dia, sem culpa nem tenção, metido numa briga de beréu, Barnabé fora pego de maljeito. Nesse tempo, ainda cunhã graciosa, Dasdores ali fazia vida. E, por veneta de piedade, acudiu-lhe as feridas. Raspão de tamboretada, lá nele, como se diz, do pé-do-chifre à tábua-do-queixo; esbugalhando o caroço-do-olho. Aquilo inchou feio, arruinou que chega fedia. Mas, com mês de arnica e melão-caetano, ela mostrou mão-santa. Da vista empustemada, restou somente aquela belida cor-de-louça.

E povo boquejando artes de feitiçaria. Botar sarado um traste daqueles, que morto daria mais proveito... Ruindade, apenasmente, isso!... Pecha de catimbós e outras malazartes, Dasdores nunca deveu nem mereceu. Tanto que, depois de remida e virada em barraqueira, ninguém cismava pra comer e gavar seus picados e cabidelas.

Aquele seu protegido, nem jurubeba, Dasdores não oferecia. E zanhava com quem lhe pagasse bicada. Pois, pau-dágua enfincado, pior que Barnabé, somente Dondim Tira-gosto, cu-de-cana já de pé-na-cova. Vigie, que pra manutenção do malvício, o perdido se prestava a encarar qualquer aposta nojenta. Valendo uma meiotá, aquele seboso fazia parede até com briba crua ou bosta fresca de burro! Deus que o tenha, feito anjo papudo, se tiver botequim, noutro mundo.

Depois do bucho forrado, Barnabé carecia duma primeira lapada. Somente assim aliviava a tremura na racha do beijo. Por vezes, manhã quase meiendo, ele ainda na sequeidão, sem abrideira. Pra lograr seu porre de cada dia, tinha suas artimanhas. Quando malrecebido numa roda de briteiros, era sinal de ainda cedo pra goderar um traguinho. Mais tarde, no es quente da bebedeira, a coisa melhorava... Até engraçavam em despejar-lhe na língua a pingada-do-santo.

Já de madrugada, pra garantir saideira, Barnabé se enturmava nalguma serenata. Começava seguindo a função, assim meio que afastado, todo respeitoso e deleitoso. Enquanto tocador não trastejasse nem cantador desafinasse, ficava somente aceirando. Mas, quando os seresteiros punham-se puxando-fogo... Então se achegava, sem-cerimônia, lambiscando fundos-de-copo e pés-de-garrafa. Com pouco, mode crescida animação, pronto que se enxeria de soltar aquela voz tremida. Aí, dava-se a bagunça e adeus cantoria!... Risadagem de moças, pigarros de pai, janelas batidas. E, debaixo da xingação pesada, Barnabé se escafedia, como açoitado naquele bordão:

- Vai tomar banho, filho-da-puta!

Eu mesmo, sendo mais moderno, não alcancei de avistar o falado. Ainda assim, aprendi a pensar nele como sentisse branda saudade

No malenfado da lida alegre, raparigada preguiçava até quase meio-dia. Mas, coisa de bem menos hora, Barnabé já batia cascos, rumo aos becos do Cipó. E passando lampeiro defronte a cadeia, presos e meganhas acanalhavam:

- Vai tomar banho, Barnabé!

Ele, quando de cara cheia e boa veia, berrava de volta e soltava uns traques despidorados.

Na rua do gango, era benquistado por damas e valetes. Ali, feito cria-de-casa, Barnabé zanzava por alpendres e quintais, petiscando os melhores restos. Às custas daquela sua bizzaria, visitava sem vexame os bares da zona, bicando de escangotar.

Até Maria Quiabo, machona de navalha e pernada, mostrava-lhe alguma estima. E coçando o xibiu, que nem saco fosse, pabulava:

- Buliu com Barnabé, briga comigo!

Por motejo de igualha, diziam dum chamego de Barnabé com Zefa Timbu. Quenga velha, também caneira e catingosa, que estrilava de jogar pedra, quando malatiçavam:

- Zefinha, foi Barnabé quem quebrou teu catolé?

Mas, tirante chacotas, ninguém dava notícia de Barnabé atrás de fêmea. Infamaram que fora avisado no rio-dos-homens - logo ele, inimigo dágua!

- diz-que cercando Zulmira, jumenta malacostumada. Ora, que botasse intento nalguma cabritinha, seria até mais fativo... Mas qual nada; aquele somente se arretava por cachaça.

Nos tempos de moagem, Barnabé como que se encantava. Sumido de praças e calçadas, aparecia na bagaceira dos engenhos. Feito fosse de obrigação vistoriar cada alambique. Assim, como quem não quer querendo, se aprocchegava. E punha-se xeretando, naquele seu modo pidão. Até que, por mangação ou malineza, alguém lhe oferecia um golpinho de prova. Daí, pra dizer do seu agrado pelo bom travo da cana, dava uns pulinhos gozados. Ah, bastava tal gracejo, pra ganhar bis e tris. E haja então pileque garantido!...

Pois bem, contam que, nessa patuscada de beber cabriolando, logo mostrou apuro pra avaliar cachaça. E findou Barnabé, afamado e afirmado, na função de provador. Quanto mais pinotes, melhor o gosto da pinga. Sete era a conta de maior primazia.

Assim caído na graça, diz-que da Várzea de Dentro à Baixa dos Índios, nada se envasilhava sem aquela sua troncha aprovação. Até andaram palpitando, quicá por zombaria, fabricar marca fina de aguardente. Das de casco empalhado e tampinha frangida, com figura de Barnabé estampada na garrafa.

Por via disso, ganjento que nem gente, o lanzudo pulara da miséria pra fartura.

Derna de tais casos passados, na boca do povo, Barnabé virou anedota. Ainda hoje, pelas bodegas do vale, pra louvação duma cachaça de primeira, o cabra careteia, cospe e alardeia:

- Arre! De sete pinotes!

E dele contavam mais que malandragens e carraspanas. Tido como saído dum circo mambembe, fugido dum bando cigano ou perdido dum trem sertanejo. Mas, disso tudo, quase nada assegurado hoje se apura. De certo, somente que aqui chegou e ficou: prisiacando, pirangando e presepando. E por via de quem ser e como era... Quem não conhecia Barnabé, nunca pisara no Ceará-Mirim.

Eu mesmo, sendo mais moderno, não alcancei de avistar o falado. Ainda assim, aprendi a pensar nele como sentisse branda saudade. Não por renome de lordeza, mas por valor de rareza, aqui refiro tal figura. Faz pena, que sua estória padeça de tanto boato misturado... Apenas alinhavo passagens truncadas, por outros ouvidas, dos finados Calixto, Ciço Mirim, Dasdores, Maria Quiabo... Do derradeiro pedaço, tive melhor notícia por Mané Piném - alambiqueiro velho do velho engenho da Bica. Sucederes estes, de viva voz lembrados, mesminho assim como digo:

Sabe daquela ruma de xexos, na curva da estrada; onde cada passante bota mais uma pedra? Lugar bonito, onde brotam chanas e mais verdejam as canas... Pois, tal marco de morte, não rende preito a defunto cristão. Ali debaixo, livrado dos urubus, enterraram Barnabé. Cabeça esmigalhada por caminhão forasteiro.

E por razão de benquerença e simpatia, mesmo em tirana precisão, ninguém lhe quis o couro nem desejou-lhe a buchada.

Bicho desigual, aquele bode...

O sonho de Josenildo

Manoel Marques da Silva Filho

Josenildo acordou cedinho naquele dia, muito mais do que de costume. Uma ansiedade desmedida tomava conta de si.

Era uma coisa interna que ia do peito até ao estômago, mas bem diferente da ansiedade do dia em que foi iniciar o serviço militar, do primeiro dia no emprego, ou do próprio dia do casamento, ao se despedir da mãe viúva e assumir o seu próprio lar. Aqueles momentos de ansiedade vividos anteriormente eram bem parecidos, pois todos eles preconizavam um tipo de ação, um vir a ser de algo a construir, de ir montando pedacinhos de desejos até formar um sonho mais completo, inteiro. De forma diferente, aquele sentimento atual de ansiedade era amargo, apesar de haver sido construído através de um desejo lapidado no decorrer de grande parte da sua vida, reforçado pelas fases mais difíceis da atividade na repartição. Naquele dia ele

completava trinta e cinco anos de trabalho ininterruptos e iria requerer a esperada aposentadoria.

Nos sonhos por essa data, fizera na mente teatrinhos de liberdade a pensar no gratificante gozo do ócio que viria acompanhado de uma sensação de integral felicidade. Nesse quadro mental inseria-se uma condição financeira que o permitiria viver em um paraíso até entrar no outro paraíso, por ocasião da morte, mas com grande saldo de janeiros ainda pela frente.

Intrigava-se, entretanto, com o fato de naquele dia intensamente esperado encontrar-se com sentimento tão invertido.

O primeiro pensamento que veio foi, automaticamente, o de uma cena vivida anos atrás, quando presenciara funcionários do órgão de fiscalização ambiental apreendendo gaiolas contendo pássaros em cativeiro e que iriam ser postos em liberdade. No entanto, para obterem a liberdade, teriam primeiro que acostumar-se com ela, devagar, em len-

ta adaptação, através de procedimentos até dolorosos, quando, nas conjecturas de Josenildo, talvez sentissem saudades da gaiola apertada, dos maus-tratos, do esquecimento da água no depósito, ou do alpiste no pequeno cocho.

Compreendeu, então, o perigo na liberdade dos pássaros. Como conviverem com a amplidão da floresta livre? As grandes árvores não os poderiam atrair, os entediariam. O rio lhes causaria medo, e a amplitude do campo, temor e insegurança.

Assim, visualizou-se como se fosse um pássaro cativo, a temer a liberdade. Que liberdade? O que seria ela, na verdade, diante das circunstâncias da incerteza?

E como financiar a liberdade com os míseros proventos de barnabé, que mal davam para as mais simples despesas? O lazer com o qual sonhara era lazer caro, que incluía chácara, refúgio na praia e viagens para conhecer o mundo. Não fizera teatrinho mental de lazer barato, do carteado, do jogo de gamão, ou da simples conversa fiada com a vizinhança. Isso não seria lazer, ócio gratificante que o satisfizesse nos sonhos.

E o gozo da vida feliz e saltitante estava também comprometido, pois no limiar da idade tinha um desvio acentuado na coluna, sofria de reumatismo e um enfizema já o incomodava bastante. Como saltitar nos campos, mesmo com a insegurança existente na liberdade dos pássaros, se não mais dominava o próprio corpo para os saltos, ou as próprias asas da imaginação já lhe falseavam um voo livre e gostoso?

Não tivera filhos, mas a mulher, doente, com renovadas crises de vesícula, acrescentadas da bronquite crônica, o obrigava a renovar cuidados cada dia maiores e trabalhosos, que mesmo com todo o desejo não poderia ter a ventura, mesmo perigosa, de gozar a liberdade que certamente teriam os pássaros, sob a proteção do órgão de defesa ambiental.

Josenildo levantou-se da cama de forma lenta, deixando a mulher a dormir. Fez a higiene matinal, e, após engolir uma xícara de café, dirigiu-se devagar à sua repartição.

Ali, sentado à sua velha mesa de tantos anos, satisfeito, pensou feliz e sorridente na sua condição de pássaro alegre a saltitar na sua aconchegante gaiola de cativeiro, deixando cair uma lágrima de felicidade ao constatar que o intervalo de tempo para a compulsória ainda lhe concederia primorosos dez anos de paz e segurança, contra aquela terrível e perigosa floresta de liberdade.



Manoel Marques da Silva Filho, norte-rio-grandense, é contista e tem um romance em preparação.

Labim/UFRN

O estranho hóspede

Francisco Sobreira

“Cadê o boneco que tinha aqui?”

Um cliente fizera essa pergunta ao garçom, referindo-se a um manequim vestido de paletó, sem gravata, sentado a uma mesinha logo à direita de quem entra no bar Savoy, no canto da parede. Eu já percebera a ausência do manequim, que encontrara ali no Savoy quando da minha última viagem a Recife. Feito para representar o poeta Carlos Pena Filho, em sua breve existência um fiel cliente do bar, o boneco convertera-se numa atração divertida para as pessoas (sobretudo as mais humildes, que por ali passavam apenas para vê-lo), por culpa do gosto grosseiro do autor. A pretensa homenagem ao poeta (que incluía a sua fotografia no quadro de tamanho grande colocado na parede ao lado da mesa, à qual costumava sentar, segundo me informara o garçom) acabara, assim, por ter um efeito inverso ao desejado pelo seu promotor. E, agora me perguntava, não teria sido por conta do resultado negativo da homenagem a retirada do manequim, e não por ele estar muito sujo, como dissera o garçom ao cliente.

Bom, uma coisa ou outra, deixei de lado o boneco, concentrando os olhos numa placa afixada na mesma parede onde estivera o retrato de Carlos Pena Filho. E li então pela milésima vez os versos que falam do bar Savoy: “Por isto no bar Savoy/ o refrão é sempre assim:/ são trinta copos de chope,/ são trinta homens sentados,/ trezentos desejos presos,/ trinta mil sonhos frustrados”. Não é de hoje que essa placa está ali, mas há muitos anos. Dizem que é de mármore e foi importada de Portugal.

Foi poucos minutos depois que entrou no bar aquele homem. Passou pela minha mesa sem me olhar e foi ocupar uma mesa no fundo. Fiquei virado para ele, esperando-o acomodar-se na cadeira, para em seguida, dando pela minha presença, cumprimentar-me. Que pretensão a minha! Ele me ignorou completamente, concentrando a atenção no televisor encarapitado perto da entrada do bar. Desviei também o olhar para o televisor, que apresentava o jornal de uma da tarde. Com pouco vi o garçom passando com um chope, que supus desti-

nado ao recém-chegado. Me virei na direção da sua mesa e o vi quase tomar o copo da mão do garçom, como se a sede que sentisse não pudesse esperar que o garçom pousasse a bebida na mesa. E estava de fato muito sedento, pois bebeu de um sorvo só mais da metade do conteúdo do copo.

Deixei, momentaneamente, o homem de lado, vagando o olhar pelo salão, sem me deter em nada, como faz o cliente solitário em um bar. Quando, pouco depois, voltei a olhar para o homem, surpreendi-o muito atento a olhar para o televisor. Estava tão absorto que nem reparou no novo chope que o garçom lhe trouxera. Virei-me para o televisor, a fim de saber que espécie de notícia prendia daquele jeito a atenção do homem, ainda a tempo de alcançar a reportagem. O que a tevê mostrava era um caso inacreditável de barbárie, ocorrido na Alemanha, durante a passagem do ano: um grupo de rapazes pegou uma garota judia de quatorze anos e, depois de agredi-la com socos e cortar-lhe o cabelo, desenhou em seu peito, com spray, uma cruz suástica.

Ouvi dois ou três clientes protestando contra a selvageria do ato, e, embora em silêncio, me solidarizei com eles. Num gesto automático desviei o olhar para o homem, no momento exato em que ele sorvia um longo gole de chope. Abismado, notei em que em seu rosto não transparecia o mais leve sinal de mal-estar, de perturbação, de revolta, enfim, pelo que acabara de ver na televisão. De repente (com o reforço, talvez, dos chopes consumidos) fui tomado por uma incontrolável revolta pela atitude do homem. Fixei os olhos nos dele, na intenção de provocá-lo. Mas o homem pareceu aceitar o meu desafio, pois sustentou o olhar em minha direção por alguns segundos, pretendendo, certamente, levar-me a recuar. Mas foi ele que acabou por abrir as pernas, sentindo a minha disposição de enfrentá-lo. E a sua reação foi a mais inesperada possível: cumprimentou-me com um balançar de cabeça, quem sabe pensando que eu o estivesse provocando por ele ter ignorado um conhecido de já algum tempo. Sem lhe retribuir o cumprimento, permaneci encarando-o, ele depressa abaixou o rosto, pegou o copo e bebeu o restante do chope. Em seguida, tendo o cuidado de evitar que os nossos olhares se cruzassem, chamou o

garçom, o garçom veio, ele pagou a conta e saiu.

Sim, eu conhecia aquele homem. É verdade que da mesma maneira pela qual conhecemos inúmeras pessoas ao longo da vida, algumas sem chegarmos jamais a dar-lhes um bom-dia. Com aquele homem ocorria quase isso, pois ele só me dirigia a palavra para responder ao meu cumprimento. Às vezes nem isso. Aquele cumprimento de cabeça no bar, fora o primeiro que ele me fazia em todo esse tempo que nos conhecíamos.

Vira-o pela primeira vez há mais de ano, quando comecei a viajar regularmente a Recife, levado por negócios da empresa onde trabalho. Com pouco tempo no hotel tive a atenção despertada por aquele homem sisudo, que não falava com os demais hóspedes, nem com os empregados, só se dirigindo a estes para algum pedido, e assim mesmo sem abdicar da circunspeção. Encontrara-o algumas vezes, ou no elevador, ou no restaurante (aí com maior frequência) e só ouvia vindo dele uma voz sumida, como se não quisesse sair da garganta, não raro nem esse fraco arremedo de linguagem oral.

Era evidente que recusava um mínimo de contato pessoal, usando como escudos a carranca e a parcimônia vocal, às quais vinha se juntar o distanciamento de sua faixa etária, em torno de setenta anos. Conjeturava que aquele homem tivesse sido casado e imaginava o sofrimento da esposa no relacionamento dos dois. Mas talvez fosse um solteirão e daquela espécie que passa pela vida sem se ligar afetivamente a nenhuma mulher, por mais breve que seja o convívio.

O hotel me agradou e decidi tornar-me seu hóspede. Ao voltar, dois meses depois, admirei-me de encontrar de novo o homem. Na terceira vez, quem é que encontro como hóspede? Aquela mesma figura, com aquele jeitão imutável.

Comecei a ficar curioso por causa daquela coincidência entre os negócios que nos envolviam, a mim e ao homem, trazendo-nos a Recife sempre numa mesma época, com uma regularidade de dois a dois meses, por aí. Peguei a me interessar por qual tipo de atividade ele devia exercer, e, como não seria possível inteirar-me com o próprio homem, recorri ao garçom que me atendera no jantar, para me satisfazer a curiosidade.

O homem já tinha deixado a mesa, quando chamei o garçom, a pretexto de me informar das espécies de sobremesa. Tive a maior das surpresas ao saber que ele morava no hotel há muitos anos. E mais me adiantou o garçom: que era alemão e se chamava Rainer. Também soube que era aposentado. Era-me impossível deixar passar a oportunidade de aludir à extrema sisudez do homem, mas o garçom reagiu com indiferença à minha observação.

“É o jeito dele”, limitou-se a dizer.

A mesma frase ouvi de um dos recepcionistas, com quem fiz uma certa amizade. É o jeito dele, disse, com um leve sorriso. O recepcionista, porém, retificou uma das informações do garçom: Seu Rainer (como o homem era chamado no hotel) não era alemão, mas brasileiro. Os pais, sim, eram da Alemanha. Perguntei em qual cidade do Brasil ele tinha nascido, mas o recepcionista não soube informar. E confirmou que Seu Rainer residia há

muitos anos no hotel, antes mesmo de ele, recepcionista, ir trabalhar ali.

Me lembro que foi daquela terceira estada no hotel que vi entrar no saguão um senhor que me chamou a atenção pela forte semelhança física com Seu Rainer. Era um sábado de tarde, eu estava aguardando um dos sócios de uma firma de Recife, com a qual minha firma mantinha transações, que combinara me pegar no hotel para darmos um rolê. Vi-o de frente, já que ocupava o sofá instalado no fundo do saguão, fazendo uma linha reta até à porta de entrada. Ele entrou, fez um cumprimento de cabeça ao recepcionista, seguido de um breve sorriso, e encaminhou-se para a sala que dá acesso aos elevadores. Passou muito perto de mim, e como estivesse olhando em sua direção, fui cumprimentado por ele, com o mesmo movimento de cabeça. Era, realmente, muito parecido com o Seu Rainer, embora aparentasse menos idade. Mas o formato dos rostos era semelhante, a cor da pele (alva, com pouca cor), a estatura não muito elevada, o peso mais ou menos proporcional à altura. Dúvida nenhuma: o visitante era parente muito próximo de Seu Rainer, talvez irmão. Não quis confirmar com o recepcionista, pois não tinha com aquele a mesma aproximação em relação ao seu colega, inclusive achava-o um tanto enfarento. Assim, refreei essa nova curiosidade, que não demoraria a ser satisfeita. Era o que imaginava, mas no dia seguinte deixei o hotel, sem ver o meu amigo recepcionista.

E antes de minha próxima viagem a Recife, fui surpreendido por uma reportagem num jornal de Natal (onde resido), que acendeu uma luz radiante (assim acreditei) na escuridade da vida de Seu Rainer. A matéria divulgava um documento elaborado pelo governo norte-americano, através do seu Departamento de Estado, no período da Segunda Guerra Mundial. Esse documento era o resultado de uma investigação da vida de mais de cem pessoas residentes em Natal naquela época (entre nativos e estrangeiros), ocupando-se dos mais variados aspectos (profissão, estado civil, cargo político, popularidade junto aos habitantes da cidade e até traços de personalidade) e tinha como objetivo principal servir de orientação para o trabalho das equipes de agentes da Inteligência Naval, Inteligência do Exército Americana, CIA e FBI. Os dados sobre os investigados acrescentavam, em geral, informações sobre certas normas de conduta que os tornavam suspeitos de ser simpatizantes do nazismo (os cidadãos de Natal e do interior do Estado) espiões (os estrangeiros), havendo ainda aqueles considerados inimigos da Alemanha, entre norte-americanos e estrangeiros.

Pois muito bem. Entre os estrangeiros suspeitos de espionagem em favor da Alemanha figurava Ernest Walter Luck. Alemão radicado desde 1911 no Brasil, aonde chegou como passageiro de um

navio aportado em Recife, Herr Luck tinha como destino Natal, para nessa cidade exercer as funções de agente da Hamburg Steamship Line, uma companhia de navegação marítima. Desembarcou solteiro, mas ao que parece já comprometido com uma moça de sua cidade natal, com quem casaria anos depois trazendo a esposa para a Brasil. Os dois filhos que tiveram nasceram em Natal, aos quais foram dados os nomes de Hans Walter e Werner Ferdinand. Segundo informa a reportagem, a família morava na rua Trairi, esquina com a Floriano Peixoto, no local onde atualmente está instalada uma loja de móveis e decorações.

O jornal transcreve trechos do relatório do Departamento de Estado americano sobre Ernest Walter Luck, a esposa e os dois filhos, desses dois último constando a informação de que Hans Walter, o mais velho (19 anos, na época), estudou na Alemanha. Todos os quatro membros da família Luck eram apontados como adeptos do nazismo.

A reportagem, que cobre três páginas do jornal, vai além desses dados pessoais da família Luck, revelando o alto custo que ela teve de arcar em consequência das atividades nazistas que, na ótica do governo americano, eram exercidas pelo seu chefe. Em outras palavras, os quatro acabaram sendo apanhados e aprisionados na Colônia Penal de Jundiá, localizada a mais de dez quilômetros de Natal.

Mas o que para mim representou a parte mais atraente da reportagem foi o fato de o jornalista dela encarregado ter localizado o filho mais novo

dos Luck. E sabe onde? Em Recife, exatamente.

Werner Luck quase nada falou (e só depois de muita persistência do repórter é que concordou em recebê-lo), alegando que o assunto era muito traumático para ele e sua família; e o pouco do que disse foi para defender com veemência o pai da acusação de ter espionado a favor da Alemanha. Isso ele negou enfaticamente, embora admitisse que toda a família simpatizasse com o nazismo. Perguntado sobre o paradeiro do irmão, recusou-se a dar um mínimo que fosse de informação a respeito dele, nem mesmo se Hans ainda vivia. Fotografia dele nem pensar. (Aliás, Werner Luck só atendeu o repórter sob a condição de que este não fosse acompanhado pelo fotógrafo.)

Essa imposição de Werner Luck arrefeceu um pouco a sensação de euforia que a leitura da reportagem tinha me proporcionado, por acreditar que tinha reconhecido Seu Rainer na pessoa do seu irmão. Sim, eu tivera a certeza de que ele era o outro filho de Ernest Luck mencionado no relatório do Departamento de Estado americano e não dava a mínima para o fato de ele hoje se chamar Rainer, a meu ver uma simples mudança de nome que se justificava pelo que lhe acontecera no passado.

Mas a exibição da foto de Werner Luck no jornal seria assim como um coroamento daquela certeza, pois ela me mostraria o mesmo rosto que vira àquela tarde de sábado no saguão do hotel. Não vou esquentar por isso, disse para mim mesmo. E mais tranqüilizado fiquei ao me dar conta de que



podia suprir a ausência da foto de Werner Luck com a informação que iria obter do meu amigo recepcionista sobre a identidade do homem que vira naquela ocasião.

Voltei a Recife uns quinze dias depois, encontrando o meu amigo na recepção quando cheguei ao hotel. Nas vezes anteriores isso jamais acontecera. Como ele não estivesse atendendo a nenhum outro hóspede, resolvi, depois de preencher o registro, entrar no assunto. Conteí que estava no saguão numa tarde de sábado, na última vez em que me hospedara no hotel, quando vi entrar um senhor que cumprimentou o recepcionista com um sinal de cabeça e se encaminhou para os elevadores. O homem era muito parecido com o Seu Rainer. Era irmão dele? Para minha decepção, o meu amigo respondeu que não conhecia esse senhor, que talvez só visitasse o Seu Rainer no horário da tarde, no qual trabalhava outro recepcionista, mas que nunca ouvira falar de parente algum de Seu Rainer. E logo em seguida, sem esperar que eu falasse, me deu a notícia:

“A propósito, o Seu Rainer não é mais nosso hóspede”.

“Como é que é?”

“Foi embora na semana passada”.

“Por que foi que ele saiu?”

“Quem é que sabe? Todos nós ficamos de queixo caído. Há tantos anos que ele morava aqui. Mais de dez”!

Me ocorreu tocar na naturalidade de Seu Rainer.

“Você me disse uma vez que ele era brasileiro, mas não sabia a cidade onde ele nasceu. Continua sem saber?”

“Sim. Não tenho a mínima idéia”.

“Tem alguém no hotel que saiba?”

“Não creio. Acho que só quem trabalhava aqui na época da chegada dele ao hotel. E não existe mais ninguém daquele tempo. Como você deve saber, o hotel mudou de propriedade algum tempo depois de Seu Rainer ter chegado e o novo dono dispensou todos os empregados e contratou gente nova”.

Despedi-me do recepcionista e fui para o meu quarto. À noite, no restaurante, depois de jantar, procedi como se não soubesse da saída de Seu Rainer e perguntei ao garçom se ele já jantara.

“Seu Rainer foi embora”.

Fingi surpresa e em seguida perguntei se ele sabia por que Seu Rainer tinha deixado o hotel, mas o garçom estava tão informado do motivo quanto o recepcionista.

Passei todos os dias pelo Savoy, na remota esperança de encontrar Seu Rainer. É claro que não o vi. Nas cinco ou seis vezes seguintes que voltei a Recife me hospedei em diferentes hotéis, em cada um deles esperando que um dia desse de cara com Seu Rainer, quando a porta do elevador se abrisse para eu entrar, ou quando fosse ao restaurante. Acabei retornando ao hotel onde o conhecia, tendo que mentir ao meu amigo recepcionista que passara todo aquele tempo sem ir ao Recife. Convençame, afinal, de que Seu Rainer deixara a cidade.

Francisco Sobreira, cearense/norte-rio-grandense, é autor de *A noite mágica*, *O tempo está dentro de nós*, *A venda retirada*, *Palavras manchadas de sangue*, entre outros livros.

Para Sanderson Negreiros

Homenagem ao *Fábula Fábula*

Jorge Tufic

Estás à janela e ouves a paisagem
que agoniza em teus olhos; vida gasta
se mói talvez na tarde que se arrasta
entre a varanda e uma certa aragem.

Contido nessa fábula algum pajem
desenha os céus e a rua que se basta;
mas há este caos em tuas mãos e vasta
é a busca de outro tempo em outra imagem.

Com a licença da capa e da mulher,
e a bênção do luar por sobre a igreja,
adentro agora o texto e passo a ler:

quanta beleza, Sanderson, fulgura
nestes teus poemas onde, enfim, lateja
a voz que tanto, tanto se procura.

Jorge Tufic, amazonense/cearense, é autor de *A insônia dos grilos*, *Quando as noites voavam*, *Dueto para sopro e corda*, etc.

Quando o sertão se descobre

OS DOCUMENTOS POMBALENSES E A REDESCOBERTA DA HISTÓRIA DO SERIDÓ COLONIAL *

Helder Alexandre Medeiros de Macedo

A “DESCOBERTA”

Uma nova página da historiografia seridoense abriu-se com a descoberta dos documentos do Cartório de Pombal (PB). O seu *descobrimento*, se assim o podemos chamar, deu-se em 1996. Estávamos na Biblioteca Pública “Donatilla Dantas” (Carnaúba dos Dantas-RN) pesquisando no Acervo Particular de Dom José Adelino Dantas, antigo Bispo de Caicó (1910-1983) e ao abrirmos o livro *Datas e Notas para a Historia da Parahyba*, de autoria do historiador paraibano Irineu Ferreira Pinto nos deparamos com um pequeno pacote de folhas de papel, amarelecidas, manuscritas, onde o autor oferecia ao “amigo Antonio Soares”, junto com seu livro, documentos que segundo o mesmo Irineu foram extraídos dos Arquivos do Cartório de Pombal (PB). Além de ter a preocupação de transcrever os documentos na íntegra e na grafia original, Irineu Pinto afirmava na carta (datada de 1908) que havia muitos outros papéis dessa natureza em Pombal. Embora possamos pensar o contrário, junto com BLOCH afirmamos que

“(...) os documentos não aparecem, aqui ou ali, pelo efeito de um qualquer imperscrutável desígnio dos deuses. A sua presença ou a sua ausência nos fundos dos arquivos, numa biblioteca, num terreno, dependem de causas humanas que não escapam de forma alguma à análise, e os problemas postos pela sua transmissão, (...), tocam, eles próprios, no mais íntimo da vida do passado, pois que assim se encontra posto em jogo é nada menos do que a passagem da recordação através das gerações” (Citado por LE GOFF, 1994, p. 544).

Não sabemos como o livro de Irineu Pinto veio parar nas mãos de Dom Adelino Dantas, mas, se este teve acesso aos documentos já devia estar com sinais de esclerose cerebral – doença que o acometia progressivamente –, motivo pelo qual, presume-se, não tenha divulgado o seu teor.

Iniciamos a transcrição *ipsis litteris* dos documentos na ordem em que se encontravam mas fomos interrompidos por uma limpeza na referida biblioteca. Retornamos para o restante da transcrição, mas tanto o livro quanto os documentos haviam sumido da estante dos livros pessoais de Dom Adelino Dantas... Malgrado esse ato de irresponsabilidade para com a memória conseguimos transcrever nove dos vários documentos con-

tidos no pacote de folhas de papel.

Investigando e fazendo uma crítica ao conteúdo e à natureza desses documentos notamos que o nome das autoridades portuguesas no Brasil (Governadores Gerais e Vice-Reis) neles contidas condiz com os nomes tradicionalmente aceitos pela historiografia brasileira.

Enviamos cópia dos Documentos Pombalenses ao historiador Olavo de MEDEIROS FILHO, referência ímpar na Historiografia do Rio Grande do Norte e particularmente do Seridó. Segundo MEDEIROS FILHO

“(...) Tudo está se encaixando com as informações anteriormente disponíveis. Apelei para o historiador Wilson Nóbrega Seixas, da Paraíba, pessoa que já pesquisou muito no cartório do Pombal. Hoje, realizei uma pesquisa junto aos manuscritos pertencentes ao antigo Senado da Câmara do Natal, de onde provieram diversos daqueles documentos, posteriormente transcritos para os livros de notas do cartório pombalenses”.

AVALIANDO A DOCUMENTAÇÃO PRIMÁRIA DO SERIDÓ

1545 (sic) e 1718 é o intervalo temporal abordado pelos documentos pombalenses. O 1º Cartório Judiciário da Comarca de Caicó – o mais antigo da região seridoense – tem Inventários desde 1737 e em uma das Ações Cíveis do Século XIX há uma Escritura de Terras de 1730 e uma Carta de Data e Sesmaria da Capitania do Rio Grande de 1736. São esses, até agora, os documentos mais antigos existentes na região do Seridó. Existem, ainda, no citado Cartório Ações Cíveis desde 1791 e Livros de Notas desde o fim do Século XVIII. O 1º Cartório Judiciário da Comarca de Acari, por sua vez, conta com Inventários desde 1770. Os arquivos eclesiásticos da antiga Freguesia da Senhora Santana do Seridó, de Caicó, ainda guardam Livros de Assentamentos de Casamentos e de Óbitos desde 1788 e 1789, respectivamente. A Prefeitura Municipal de Caicó possuía Livros de Notas desde a primeira metade do século XVIII, porém, hoje, encontram-se desaparecidos³. Os Documentos do Cartório de Pombal se revestem, portanto, de uma importância singular em virtude da escassez de documentação relativa ao Seridó dos séculos XVII e XVIII.

Os Documentos Pombalenses coincidentemente trazem abundantes informações sobre o Seridó e neles aparecem topônimos já conhecidos como Acari (cidade do Seridó), Rajada (Serra entre os municípios de Carnaúba dos Dantas, Acari, Jardim do Seridó e Parelhas), Queiquó (hoje cidade de Caicó, no Seridó) e Riacho de Carnaúbas (hoje Rio Carnaúba, que banha o município de Carnaúba dos Dantas).

Como se tratam de textos razoavelmente curtos julgamos interessante divulgá-los na íntegra e na ortografia da época, para que pesquisadores especialistas no período apreciem-os e incorporem-os a possíveis interpretações. Segue a cada um destes um pequeno comentário de nossa autoria.

DOCUMENTO Nº 01

Termo de vizita aos nove dias do mês de Abril do Anno do nassimento de N. Sr. Jezus Cristhus de hum Mil quientos e coarenta e 5 annos se deo a premera vizita dos portuguezes ao territorio interiorano inclusivi o Valle Sirido//como entao he chammado pelos tapuyos jundoins vizitas forão ocorridas n'el logazes Boucqueirãm d'Cuo - riacho d'Carnahubbas - queiquô - piancô alem d'outros c.mennos emportanssia. Logo despos da vizita a essa d.ª zona pr. elles prov. do El-Rey q. deos goarde um relato ms. aprasivel foe o do cuô e logazes das Carnahubbas habitados pelos tapuyos // essa vizita foi o prº contacto daquêlles tapuyos co'brancos portuguezes si bm. q. j. tinham ido ao litoral escond.os.d. tupiz: se finalizando aqla. vizita c. a offerenda de cõndimentox e prezentes d'el-rey de Portugal aos tapuyos daq. valle do Sirido e eu conde Antº de Almmodovo prov.dr. real de el-rey e ajudante del portuguezes o escrevi e razo d.q.uso. Conde Antº de Almmodovo. Ascintura de portuguezes q. visitaram o sirido // Antº de Mend.ª e Vasconcellos-Jozê Britto de Almd.ª

Pero loppes de Maceddo-Natanael Gomes Soares. Separatta: paçado a limpo este tẽrmo de vizita no dia quinz de Janrº de Hum Mil e seiscentos & cincoente annos. Gaspar Costa escrivao.

Comentário: Relata a primeira visita dos portugueses ao interior do Estado do Rio Grande do Norte (1545), inclusive o “Valle Sirido” onde passaram pelos lugares Bôqueirã do Cuô, Riacho de



Em seu livro de 1988, Caicó, cem anos atrás, o historiador Olavo de Medeiros Filho descreve o que considera “as características singulares” da região do seridó

Carnaúbas, Queiquó e Piancó, além de outros. A julgar pela indicação de que esses lugares estavam no Vale Seridó e contando com a ajuda da tradição oral supomos que o Boqueirão do Cuó seja o atual Boqueirão do município de Parelhas (MEDEIROS FILHO, 1984, p. 141); o Riacho de Carnaúbas o atual Rio Carnaúba, município de Carnaúba dos Dantas (embora existam riachos com o mesmo nome nos municípios de Serra Negra do Norte, Caicó e Parelhas, cf. CASCUDO, 1968, p. 80); o Queiquó como sendo o atual Rio Seridó, no município de Caicó, anteriormente chamado de Acauã (que em Tarairiú era CUÓ, assim como QUEI significava RIO⁴); e Piancó como a hoje região de Pombal (PB). O documento foi passado a limpo em 15 de janeiro de 1657 por Gaspar Costa.



Igreja-matriz do Açu (RN). Segundo a tradição oral da região, no local situado nos fundos do prédio os janduis realizavam as provas matrimoniais, conduzindo troncos de carnaúba sobre os ombros, com eles correndo longas distâncias.

DOCUMENTO Nº 02

Auctos de demarcação do riacho de Carnahubas q. mandou fazer S.M. p. não descordaram da lei maes proxima e as dispoçoens etc.

No anno do nassimento de Nosso Senhor Jexus Christo de Hum Mil e Seiscenttos e trêze annos na capitania central do Brasil rio Grade se concordôu em dimarcar o lugar do riacho de Carnahubas em ribeira do Quinturure ou do Bico d'Arara onde for melhor dito. Concordarão em se reunir tapuios homens br.^{cos} e negros na serra do Piaui na chapada q. sai hum riacho p. o leste do rio Cahã na formajutre meis de apryll dia honzze demarcarãose os enteressados (...) se louvarão na pessoa do cap.m.^r Teodosio de Orggeste Maxado provedor Reall de S.M. Rey de Portugal entreliado ao governadour geral do Brasil sr. Gaspar de Souza. Em pr.^o lugar apparece o rei Jandoi imperadô dos tapuios junduins allegando q. imperava nes dittas terras cm.^o senhôr de gaddos mortos// e lavôuras rastêras. E por isso pediu ao Cap.M.^r Teodosio de Orggeste Maxado nas dittas fraldas oito legoas de comprido por duas de larggo peggando do marco iniciou a rocha em forma de piramide na Serra do piaui pasçando pelo dito riacho athe atingir o lugar Marinbôndo. // E afim de si ter concordado. // Em segd.^o lugar apparece o portugues lotado Cosme Frc.^o de Bourbon alegd.^o que por data de sismaria nêutra tinha encontrado parte do ditto riacho á dous annos atras como fica ditto. E q.^r por demarcassão de S.M. tres legoas de comprido por sette de largo pegando no marco do rei jandoi fazd.^o peão no lugar Rajáda lugar de inxames inumeraves. E ahi se emfincou uhma baliza de pedra pêta representando suas terras // afim de si ter concordado. Em tercr.^o lugar apparece us'nêgos do cap.mor de ordennanças fillipinas Maj.^r Ant.^o de Mello Castr.^o Ribr.^o de nommes 1.^o Firminno de doze annos 2.^o Ant.^o de vinte e tanttos annos 3.^o Roberto de dizoitto 4.^o Jerela de dizanove.

Dizem q.seo patrao em exponsa á atos criminaes comettidos contra elles ditos nêgos timbûs lh'oz presenteou com huma legoa de comprido por meia de largo pegando do marco do portugues Cosme Frc.^o de Borbon indo athe o marco maes proximo. // e afim di si ter conccordado de S. M. provedor reál. Apareceo em qrt.^o lugar rei Canidê f.^o do rei jandoin alegd.^o q. possui neste sertôn qtr.^o legoas de comprido e huma de largo, pegando do marco dos nêgos Firminno Ant.^o Roberto Jerella indo athe o lugar Caiissara de pedra do gentio Pegas// e assim de si ter concordado// Em qt.^o lugar apparece o bândêrante Luis Gomes captadôr ezilado dos empostos reais foraggido da Casa Forte de Portugal reynno unnydo e têm uma jornada de legoas de fundos por meia de largo pegd.^o do marcco anterior athe o sitio Acary dos dit.^{os} barbaros brabos Canidês junduins.// e affim de se ter concordado./ 30 legoas brancas p. o provêdor//. Em sext.^o lugar apparece o rei jandoi c. seos titullos já declarados alegd.^o q. tem maes quatro legoas de comprido pr. meia de largo, e assim pegou do marco do bândêrante Luis Gomes ate o lugar q. se thêm dito Eirmo de annuns. Em últm.^o lugar apparece o gentio Pêga pr. seu rei Pecarroy alegd.^o que possue aq. neste riacho novecenttas brassas de fundo pr. trintta e quatr.^o e mêa de largo pegando do marco do rei jandoi e seus tapuios indo the a pedra piramide da serra do piaui onde se principiou a demarcassão e findou agr.^a // ainda como infformassoes complementales o Prvd.^o reall infforma aos enteressados do reynno unnido q. o dito riachxo de Carnahubas foi inicialm.^{te} explorâdo pelo gentio junduins emapq.^{na} com si. Tem de estencao territorial do d.^o riacho vinte (...) de largura pegd.^o duma margim a ôtra. De comprimt.^o estendeçe omologado desde o boqr.^{ao} do Pucuchyy athe o rio Cahã desagoando la / nelle qd.^o secco são coltivados lavôuras e os abitant.^{es} cream seos gados vaccuns; exssecao dos nêgos escr.^{os} // Nel. d.^o riachxo (...) nao ha casa (...) taipa riculris (...) taipa ou habitaçons // não ser dos tapuios - pedras prettas (...) // os d.^{os} abaicho assignados

sao donos das extençoens runtantes territoriaeis deles d.^{os}. Korê tapuio a rôgo dos reys jandoy e caydê / Corme Frc.^o de Bourbon/Ant.^o de Mello Castro Ribr.^o a rôgo dos negos//Luys Gommès/Rey Pecca oroaçuyt. // De S.M. a sua partida enteressou de govern. - ger. Gaspar de Souza. Esta escriptura foi paçada a limpo hoje por mim escrivão do cargo de S.M. Ant.^o de Macêdo Rocha Farias escrivao. Cidade do Natal em dizanove dias do mês de janr.^o de mil seiscenttos e sessenta annos. Anessa-se a do cartorio competente do arraial das Piranhas. Nota do escrivao - a prezente escriptura encontrase juntto a mais dizanove escripturas no archevo do Cap. Portuguêsza. Os outros locaes demarcados tão bem sao do valle siridô e ribeira Quinturure. A.M.R.F."

Comentário: Autos da demarcação do Riacho de Carnaúbas (hoje, Rio Carnaúba, em Carnaúba dos Dantas-RN), localizado, à época, na Ribeira do Quinturaré ou Bico da Arara na Capitania Central (sic) do Brasil Rio Grande, da qual foi demarcador o Provedor Real Teodósio de Orggeste machado (11.04.1613). A demarcação principiou na Serra do Piauí (Carnaúba dos Dantas-RN) se estendendo pelos lugares Marimbondo, Rajada, Caiçara de Pedra, Sítio Acari e lugar Ermo dos Anuns, topônimos que resistem ao tempo. Um fato peculiar é que aparecem com donos de terras, ao lado dos brancos portugueses Tapuias da Nação Tarairiú e negros escravos. O documento pesquisado por Irineu Pinto em Pombal também não era o original; havia sido passado a limpo na Cidade do Natal em 19.01.1660 pelo escrivão Antonio de Macêdo Rocha Farias, o qual disse que junto dessa escritura havia mais dezenove de mesmo teor no "arquivo da Cap. Portuguêsza".

DOCUMENTO Nº 03

Ribeira d'Acahã hú Mil seiscenttos oitenta e trez annos do nassimento de nosso Senhor mui digno Jesus Christo aos nove diaz do mêz de 7br.^o compareceu o holandez no valle da Caza forte do Sirido a mando de S.M. // - q. // e troze outras (...)q.// ela ribalda// aliado a elles portuguezes aqui chegou pelos bandas do Carrasco seguindo pl.^o rio do Açu e aqui veio de accordo (...) seus preceittos mattado vinte e hú indios potiguaras q. estavm. espreitândo aqles. holandezes do serrota do Giz de S.M. Rey de portugal sendo êste memorandum enviado a N.M. aos 12 dias do rifirido dia mez e anno, no governno do vice-rey Antonio de Souza Meneses, q. Deos goarde. Ant.^o Gomes d'Alencar Gonçalves.

Comentário: Memorando enviado por Antonio Gomes de Alencar Gonçalves, da Ribeira do Acauã (hoje, Seridó) ao Rei de Portugal no qual é

relatado que um "holandez" compareceu no Vale da Casa Forte do Seridó (a Casa Forte do Cuó⁵) a mando de S.M. e havia matado vinte e um potiguaras que estavam na espreita de alguns holandeses na Serrota do Giz (Carnaúba dos Dantas-RN). Datado de 09.09.1683.

DOCUMENTO Nº 04

Bando q. mandou botar N.M. na serra Rajáda ahos indios tapuyos desta capitânia do Rio Gráde da forma ad retro & ad hoc etc. Dignissimo el-rey de Portugal depoiz q. eu Prov.^r real de S.M. q. Deos goarde a cargo do excm^o vice-rey do Brazil Ant^o Luiz Gonssalves camera Coutinho - o aferi (...) dos combates de noça nassao portugueza contra o gentio dos tapuyos janduinis nessa capitânia// e a fim de s.tr. concordado// e naquêla serra rajáda ôde abêlhaz deste tipo predominão e fazem mel// ode a N.M. // os dictos tapuyos tem entruncado por nao dever nada de bom la// e porisso excm^o vice-rey do Brazil Ant^o Luiz Gonssalves camera Coutinho mandou prl. intermedio do cap.mr. e depois êste ao domingos Georges Velho conseqüente monte e aho seo sargt^o-mor Cristovão de Mend. Arraes q. os mesmos fossem (.....) aquela serra e dali desbaratasse os barbaros...//na coal xegou ele d^o domingos Georges Velho ahaos vinte seis e ate 30 ai permaneceu combatendo aqeles barbaros do mez de 8br^o do anno do nassimento de Jesus Christus de 1689 annos// do grde. combate do dia vinte e oitto do mêz de 8br^o de d^o mêz as tropas de domingos Georges (...) teve de vitoria hum mil e quientos tapuyos mortos e trezentos prezos tendo morrido da troppas 30 homens além d'outros/ e os tapuyos dispersarão-se indo p.o local xamado pr. elles de queicar xuc q. significa saco do xixexique; sua gloria desfraldada voltou o erario da tropa de Domingos Georges Velho para o seu lugar de origem levd^o consigo o que de N.M. pedoretty pedio pôr entermedio do Cap.mor do Rio Gráde. e eu subimêto aos da refferida camara o referida copia Frc^o de Olivêra Barros escrivão substituto q. o escrevi. Frc^o Gomes = Ant^o moreira - Diogo Roiz = Fc^o Lopez = 1690 annos do nassimento de N.S.J.C. do Brazil.

Comentário: Intitulado de "bando" o documento traz um relato de autoria de Francisco de Oliveira Barros sobre um combate das tropas portuguesas comandadas por Domingos Jorge Velho na Serra da Rajada em 1689. Datado de 1690.

DOCUMENTO Nº 05

Requirimento ao vicerei do Brazil de S.M. El-rey de Portugal João Lencastro, cfm. disposições do servisso de El-Rey

Ahos nove dias do mêz de 7br^o do anno de Hum mil e seis centtos e noventa e cinco annos compareceram a nação dos tapuyos d'uma mi-

norio de cincoente (...) arius e caratius nesta Cap.^a do R.Grd.^e - da coal o Gov.^{or} Joan Lencastro/q. Deos goarde/ coze (...) a combatenssia terciaria dos tapuyos rebelados contra Reynno de Portugal & como nam quisezem de terc.^{os} a autorisassão p.tal rquirimento ouzaram vir pedir a N.M./q. Deos goarde amen// q. retire pr. meio d'troppas combattentes os mesmos dictos tapuyos rebelados no rincan Cahã p. outro lugar s// encommodar brâncos da rassa de N.M. (...) enfim de se ter concordado e eu Joan d'albuquerque Galvao// segd^o escrivao da Camara o escrevi. Cidade do Nattal de N.Sr. Jezus Christo ahos douze dias do mêz de 7br^o de Hum mil e Seis centtos e noventa e 5 annos.

Comentário: Requerimento de Tapuias Ariás e Caratiús (sic) pedindo ao Rei de Portugal que fossem retirados para outro lugar onde não incomodassem os brancos (estavam no Acauã). O documento data de 09.09.1695.

DOCUMENTO Nº 06

Relatorio dos ouviveres de Elrey S.M. de Portugal = q. o Vice-rey conde de Joam dalencastro



Casal de tapuias tarairius chegando ou partindo de uma viagem, de acordo com desenho reproduzido do livro de Nieuhof.

manda Mathias Cardozo p. o Assú combatendo ahinda na guerra contra os tapuyos desta capitania e permanessa na cazaforte do Cuó Antonio Albuquerque Camara sargento deça ordem de el rey/e q. pr. la no Posso daquela cazaforte d'Cuó foe construida a tres annos a capêla da Sr^a Sant'anna daquele valle do Cahã pr. entermedio do frei Ant^o João do Amor Divino paroquiano das cercas das guarnissões da Capela do Ó linda no lado norte do pais & benta hú ano depois pel^o mezmo frei. Naquêla Cahã os tapuyos ainda rebelão-se contra os portuguezes do central q. a investida dos tapuyas ja logrou a morte de varios homens//em hú mil e seis centtos bitenta 7 annos p. oitenta 8 annos os

jandoinis iniciarão a s. investida de matar toda coesa viva q. se pousesse em seo caminho. chegou Domingos Jorge Velho aos cinco dias do mêz de junio de 688 combatendo os tapuyas c. as forssas de N.M. nostre morte da coroa portugueza e troussarão as cabeças dos morrentes tuixas pr. serem esaminadas desta capitânia prencipiando-se o final desse relatorio a ser enviado á nosso nostre morte soberano el-rey de Portugal//q. Deos goarde/ / Cidade do hâbito Natal aos seis dias do mêz de fevr^o da anno de 698 annos. Tenente Fragôzo Ribr^o de Castro Furtado.

Comentário: Datado de 06.02.1698 e assinado na Cidade do Natal pelo Tenente Fragôzo Ribeiro de Castro Furtado, relata alguns fatos ocorridos no Sertão potiguar durante a Guerra dos Bárbaros, dentre eles a construção da Capela da Senhora Santana do Vale do Acauã em 1695 próxima à Casa Forte do Cuó.

DOCUMENTO Nº 07

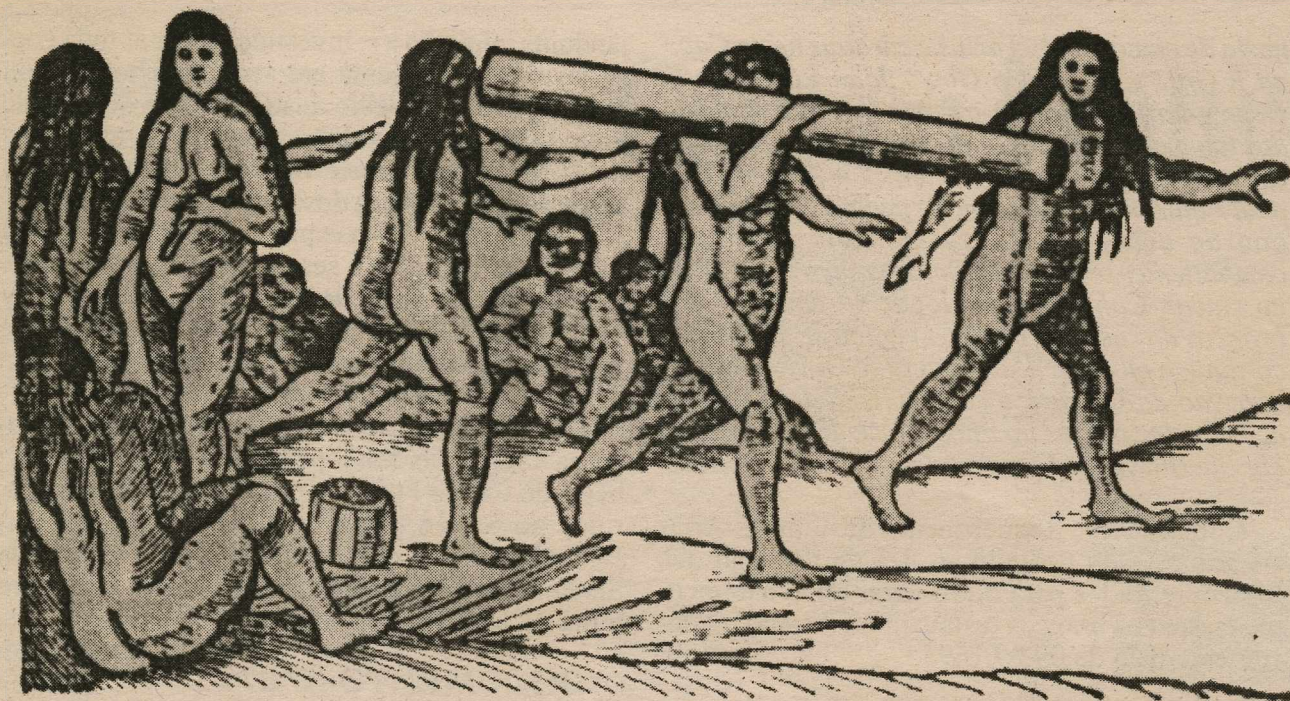
Documentassao do Provd^{or} real de S.M.

Alegd^o o d^o Provdor. da corte portugûeza real disendo q. - em sorte de terras possuem em n'logar Sirido no valle do Queiquô como tem d^o aqueles tapuioz dos canidez jandoinis habtes dqla. regioa. Soas terras sao de pacifica posse d. acordo q.fez c.// os tapuioz j. d^o. q. inissião no olho d'agoa do Cuó indo athe a serra do Queiquô n'uma estenção de duas legoas de terra pr. quatro de fd^o. - fazd^o peão em 'serra da Cahã do rio Sirido. De. q. se fêz este termo q. assigney. // Frc^o da Costa Viêra escrivao. Gen.^{al} Talhe's de Mendonça Ribr^o provd^o real de S.M. el-rei de Portugal, no anno do nassimento de N.S.J. Christo de seiscenttos e nuventa e nove mêz de 8br^o.

Comentário: Documento em que o Provedor da Corte Portuguesa afirma possuir terras no lugar Seridó, no Vale do Cuó, indo do Olho d'Água do Cuó até a Serra do Queiquó fazendo peão na Serra do Acauã. Datado de outubro de 1699.

DOCUMENTO Nº 08

Elrey dignissimo de Portugal - manda o vice-rey do Brazil dom Joam dalencastro q. se digne V.S. Imperador conceder perdão de prezos indulgentes & conceder indulgencias para a capela da Sr^a Santanna do Cahã sirido atravez dos missionarios de Olinda no norte do paiz pela coal foe essa erigida pelo comdte. da Caza forte e demaes ajudantes vendo entao//S.M. dignissima. q. a ditta capella possa comandar s. refugo os batizados e attos da religião pelos curas do Pianco dignados a entrar-se nos sertoes. Q.pelo digno cura pessa protessão contra os tapuyos levantaddos nesse sertão. Q. Deos goarde N.M. Eu Franc^o dos Santos Rocha, em Caza Forte do Cuó envio uzando das minhas atribuições ao Rei



Esta reprodução do livro de Marcgrave apresenta tapuias tarairius conduzindo sobre os ombros um tronco de carnaúba, por ocasião de seus jogos. As índias assistem à demonstração de força física dos machos.

de Portugal. Na cidade do Nattal em sette de marssos de 699 annos.

Comentário: Requerimento de Francisco dos Santos Rocha, da Casa Forte do Cuó, solicitando ao Rei de Portugal a concessão de indulgências para a Capela da Senhora Santana do Acauã e outras providências correlatas. Datado de 07.03.1699.

DOCUMENTO Nº 09

Certidão de Procuração

Saibam todos qtos esse instrumento publico de prcurassão, q. Eu Cap.º Luis Quaresma Dourado, ajudante de Infantaria, adquiri em anno supre de mil sette centos e dezassete annos, a datta de Terra da Data de Riacho d'Olho d'agua Grande, fazendo barra c. Riacho de Carnahubas, como tem dito os tapuias do Rei Jandui. Paço p. Procurador de terras minhas o Tº Bras Ferreira, pela sua condutta esemplar a ql ten profferido a minha pêssoa. Subis supra eu João de Abbrêu escrivão do cargo de S.M.

Cidade do Natal, em dizoito de nuvembro de mil sette centos e dzoito annos.

*Luis Qresa Dôurado
Bras Ferrª Mac.ª*

Comentário: Procuração do Capitão Luís Quaresma Dourado passando a delegação das terras da Data do Riacho do Olho d'Água Grande (hoje, Riacho do Olho d'Água, em Carnaúba dos Dantas-RN) para o Tenente Bráz Ferreira Maciel.

CONCLUSÃO

A riqueza de dados presente nos Documentos Pombalenses referentes ao período conhecido como Guerra dos Bárbaros ou Levante do Gentio Tapuia nos permite ter o conhecimento das lutas travadas entre Tapuias/Portugueses e do estabelecimento

destes últimos na região seridoense tendo como núcleo de ocupação primordial a Casa Forte do Cuó, onde, hoje, ergue-se a Cidade de Caicó-RN. Os citados documentos nos remetem, ainda, às tribos indígenas da grande etnia Tapuia que habitaram o Seridó, como os Janduí, Pegas e Canindés. Esperamos que as novas sendas abertas pelos Documentos do Cartório de Pombal contribuam para o entendimento do contexto regional em que se



Desenho de um índio tapuia, segundo Marcgrave

processou a História do Seridó Potiguar.

BIBLIOGRAFIA

1. Livros

CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2.ed. Natal: Fundação José Augusto, 1982.

_____. *Nomes da Terra: História, Geografia e Toponímia do Rio Grande do Norte*. Natal: Fundação José Augusto, 1968 (Col. Cultura).

COSTA, Sinval. *Os Álvares do Seridó e suas ramificações*. Recife: ed. do autor, 1999.

DIOCESE DE CAICÓ: *Meio Século de Fé*. Natal: Indústria Gráfica União, 1990.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. *História e Memória* (trad. de Bernardo Leitão. et. Al.). 3.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994 (Col. Repertórios).

MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Caicó, cem anos atrás*. Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1988.

_____. *Caicó: Tudo começou no Sítio Penedo. Revista do 5º Jubileu da Paróquia de Sant'Ana de Caicó*. Natal: julho/98, p. 4.

_____. *Índios do Açu e Seridó*. Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1984.

_____. *Velhas Famílias do Seridó*. Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1981.

_____. *Velhos Inventários do Seridó*. Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1983.

2. Arquivos pesquisados

ARQUIVO do 1º Cartório Judiciário da Comarca de Acari. Acari (RN).

ARQUIVO do 1º Cartório Judiciário da Comarca de Caicó. Caicó (RN).

ARQUIVO da antiga Freguesia da Senhora Santana do Seridó. Caicó (RN).

LABORDOC – Laboratório de Documentação Histórica do CERES. Fundo da Comarca de Caicó.

3. Correspondências pessoais*

CORRESPONDÊNCIA PESSOAL com o pesquisador Olavo de Medeiros Filho. Natal-RN (1994-1998).

* Meus agradecimentos ao Prof. Ms. Muirakytan Kennedy de Macêdo pela revisão, sugestões e orientação teórica sobre o assunto.

1 * Travessa Antonio Dantas, 23 – Carnaúba dos Dantas – RN – CEP 59374-000 - (FAX (84) 479-2268 – E-mail: heldermacedo@bol.com.br ou heldermacedox@zipmail.com.br.

2 CORRESPONDÊNCIA PESSOAL com Olavo de Medeiros Filho. Natal (RN), 17/fev/97.

3 DANTAS, 1977, p. 44. COSTA (1999, p. 15-16) afirma que o Arquivo onde estavam guardados os primeiros Livros de Notas da Prefeitura Municipal de Caicó foi incinerado, assim como parte do Arquivo da Paróquia de Santana. A ação cível em que estão contidos os documentos de 1730 e 1736, bem como parte dos documentos do 1º e 3º Cartório Judiciário da Comarca de Caicó, estão custodiados pelo Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC) do CERES.

4 Sobre a origem etimológica e geográfica dos rios Acauã e Seridó ver MEDEIROS FILHO, 1984, p. 141-150.

5 Sobre a Casa Forte do Cuó ver MEDEIROS FILHO, obra citada & MEDEIROS FILHO, 1998. p.4.

6 Foram utilizados, ainda, depoimentos orais colhidos com moradores de Carnaúba dos Dantas e Acari-RN.

Helder Alexandre Medeiros de Macedo-Discente do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Centro de Ensino Superior do Seridó

Sejamos absolutamente modernos

Manuel Fernandes Volonté

“Apenas Chegaram”, livro de estréia de Napoleão de Paiva Sousa, cogita dominação poética, aspira o essencial do verso, garimpo de palavras e sentimentos, num aprendizado – refinadíssimo – das várias tendências da poesia contemporânea, postas aqui no liquidificador e servidas como suco evanescente ou bebida amarga.

O bardo visualiza o homem, o tempo, a cidade e seus prismas, usando todos os meios lingüísticos / poéticos que se consente a uma poesia madura, de estréia temporã: verso livre, rima, poesia em prosa, poesia espacial, metapoesia.

Versos que às vezes parecem ser de fácil com-

preensão, mas de difícil leitura, caleidoscópica, multifacética. Cria e recria. Foge do linear, do piegas, do “xarope princípio, meio e fim”, harmonizando a emoção vazante com o cerebral, com o sensual, o lúdico, o estético, o elegante.

Puxa, repuxa e insufla a linguagem como a um chiclete de bolas “até explodir colorido, num céu de cinco sentidos, nada no bolso ou na mão. Um instante, maestro !!!”.

A liberdade formal e a abrangência temática a que se lança, o faz um “tambor de todos os ritmos”. Ritmos e dicções diversos, por vezes, díspares.

No seu canto, ora se percebe um andamento de jazz, sinuoso, sincopado, pássaro aflito de galho em galho, debatendo-se nos limites da lógica e do

mágico; ora embrenha-se nos labirintos apaixonados do tango, onde Pessoa dá o mote; ora e quase sempre, veste-se de uma música atonal, desmadrada e seca.

Seus poemas de frutas são pepitas, pedras de toque, que bem poderiam compor quaisquer antologias da poesia moderna do Brasil, de hoje.

Flashes, labirintos de confissões, memórias, diálogos com outros poetas, artistas, pintores, cineasta, entes queridos, num universo estilizado pela metáfora das palavras.

“Il faut être absolument moderne”(Arthur Rimbaud)

Manuel Fernandes “Volonté”, natalense, é poeta e leitor crítico de poesia.

POEMAS DE NAPOLEÃO DE PAIVA SOUSA

a palavra (quase) fala

do céu da boca
caem as palavras
e ao dispor põem-se.

à ponta da língua vão
tateiam o átimo
de dizerem-se.

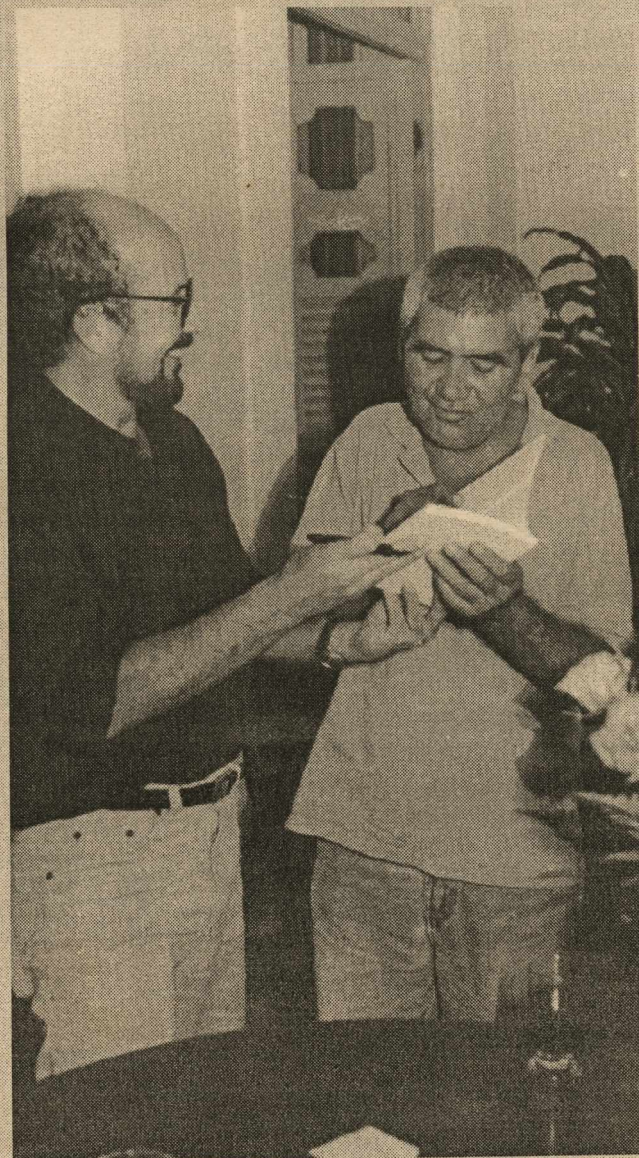
inquieta salivam
ante espera e véus
por rasgarem-se.

indecisas saltitam suaves
língua, dentes, fala quase.
represam-se.

dos lábios o limite assusta
transpor, sair
esquivam-se.

maracujá

de tão redondo e belo
estabelece a dúvida:
fruta ou bibelô?
se da fruteira sai, ponche é.
se fica, bruxuleia em rugas
na atrofia lenta, seca
do enfeite que envelhece
quieto.



O poeta Napoleão de Paiva Sousa (à esquerda) mostra provavelmente algum novo poema ao seu leitor-crítico Volonté, que parece aprová-lo

abacaxi

boca e vontade não bastam
mão sequer
para lhe chegar ao talo.
só na faca (afiada).
assim, cede o doce bravo.
ou melhor, não sem antes
afrontar com espinhos, puas, rosetas
e sua armadura medieval.
vencidos, aí se pode
decepar-lhe a coroa e
lambuzar-se com o mel
- às mais das vezes -
amargo ou azedo.

só lâmina

a João Cabral de Melo Neto

o rigor de aquiteto
da palavra limpa
deve estar-lhe agora
no juízo
dizendo:
pô, João
não era
uma faca só lâmina
era apenas,
só lâmina.
quem sabe,
lâmina.
ou
só.

Serpente de cabeça binária

Francisco Carvalho

Depois das refeições, os hóspedes costumavam fazer a sesta na sala de visitas. Alguns cochilavam em velhas cadeiras de balanço. Outros, quando não se deliciavam com anedotas obscenas, aproveitavam a ocasião para falar de tudo e de todos. A brisa das primeiras horas da tarde até parece que os arrebatava para as esquisitas regiões do devaneio. Foi num desses momentos que escaparam algumas insinuações a respeito de Seu Nestor.

O menino era filho da lavadeira. Duas vezes por semana vinha sozinho ao hotel sob o pretexto de apanhar as roupas de Seu Nestor para lavar e engomar. Duas vezes por semana o menino agarrava-se às crinas da ondulante alimária que era a existência misteriosa de Seu Nestor. Duas vezes por semana a sua palidez resplandecia sob a luz das altas clarabóias.

Duas vezes por semana o menino almoçava com Seu Nestor. Seu Nestor falava do menino com demonstrações de ternura nos olhos. Ficava com as pestanas marejadas toda vez que se referia à pobreza do menino. Alguns reparavam naquilo com uma admiração cheia de malícia. Outros, pelo contrário, chegavam até mesmo a exaltar as virtudes filantrópicas de Seu Nestor.

Duas vezes por semana, depois do almoço, Seu Nestor recolhia-se ao quarto, acompanhado do menino. Duas vezes por semana isso acontecia com uma exatidão que impacientava. Duas vezes por semana a existência do menino era como um jorro de vinho que inundasse as artérias de Seu Nestor. Os hóspedes mergulhavam em perplexidade. Faziam aquele silêncio todas as vezes que seu Nestor girava a maçaneta da porta.

Duas vezes por semana o silêncio do quarto era demolido pelos acordes da música. O menino talvez adormecesse embrulhado nas dobras da música. Aquela estranha melodia escapava da maçaneta da porta e se espalhava nos corredores do hotel, no terraço do hotel, no banheiro do hotel, na sala de visitas do hotel, até que se dissolvia em penugem dourada, sob a luz das altas clarabóias. Todo mundo escutava aquele gemido sonoro, que se

convertia em murmúrio apaixonado nas entranhas do menino.

Duas vezes por semana a maçaneta da porta se convertia numa serpente de cabeça binária. Duas vezes por semana a seiva daquela música irrigava o peito ressequido de Seu Nestor — ilhado no quarto e na contemplação do menino. Duas vezes por semana a solidão do menino pertencia à solidão de Seu Nestor. Todos no hotel sabiam disso, mas ig-

noravam que o menino talvez adormecesse embrulhado nas dobras da música.

Duas vezes por semana o menino era um centauro de galope azul acorrentado ao devaneio de Seu Nestor. Duas vezes por semana tudo deixava de existir dentro do quarto. Só a música permanecia vigilante, partindo e regressando ao coração do menino. Ilusões antigas talvez desabrochassem na alma soterrada de Seu Nestor. Talvez o menino reconquistasse a soberania perdida. Ou talvez ressuscitasse os demônios adormecidos nas relvas de Seu Nestor, para os alimentar com o leite de sua música.

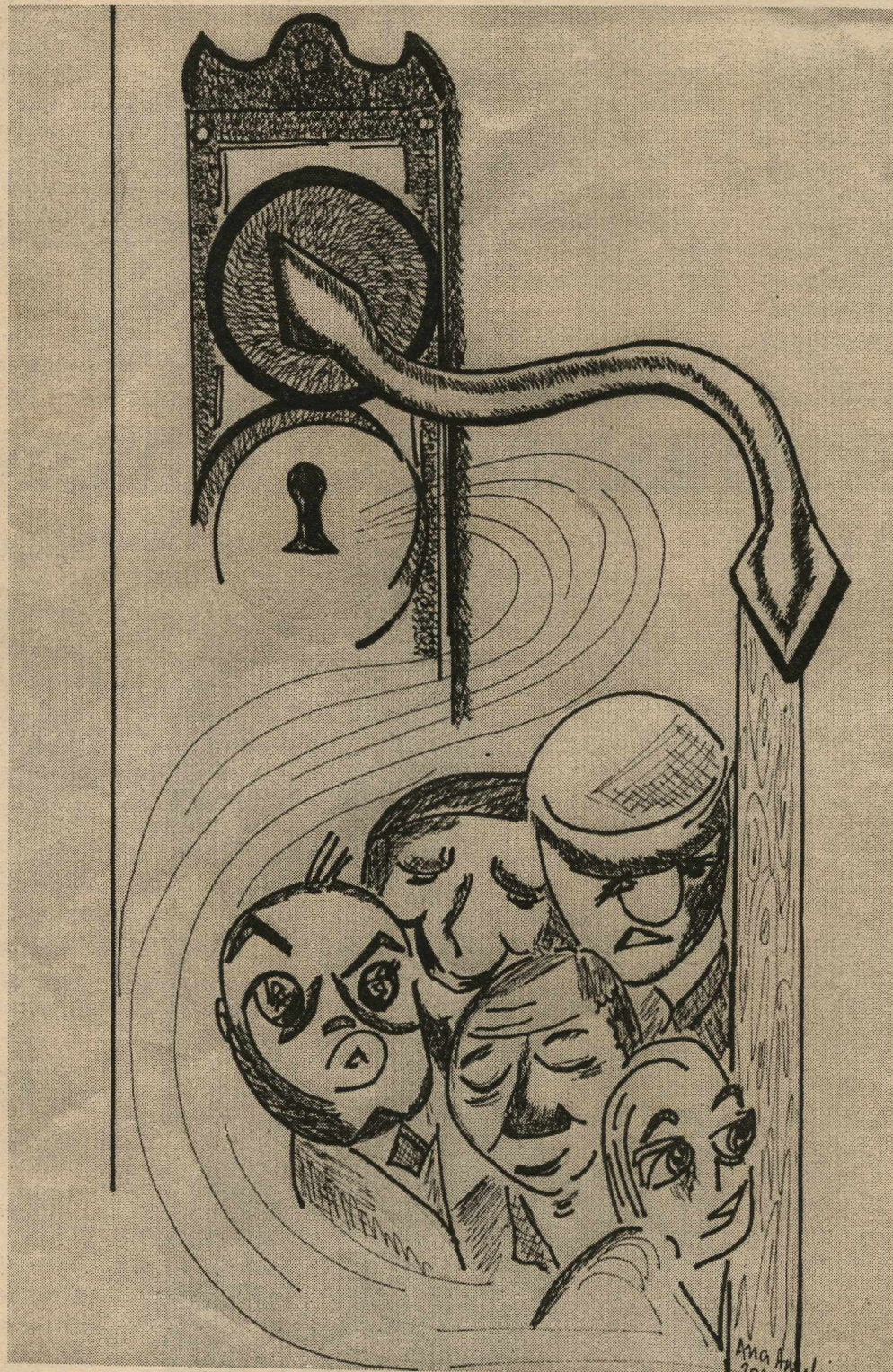
Duas vezes por semana pessoas curiosas e impacientes prometiam a si mesmas decifrar o enigma. Aquele mistério que se desprendia dos movimentos do quarto. O menino embrulhado nas dobras da música. O silêncio repercutindo nas altas paredes, escapando pela maçaneta da porta. Os suspiros entrecortados, os passos ofegantes de Seu Nestor, o súbito desabrochar da respiração, a música borbulhando feito água soterrada, ganhando o espaço sem fronteiras e as alturas mais altas do céu.

Duas vezes por semana o quarto de Seu Nestor era a mais inexpugnável das cidadelas. Os hóspedes e suas perplexidades. Mas ninguém se atrevia a pedir explicações. Permaneciam como que sufocados pela imponderabilidade da música. Seu Nestor arrebatava o menino, depois o emparedava nos penhascos de sua contemplação. O menino tentando escapar para o seu carrossel de pirilampos, Seu Nestor tecendo em volta do menino uma teia de pensamentos libertinos.

Duas vezes por semana todos ali flutuavam na linfa daquela música.

Até parece que se deixassem arrebatados para as esquisitas regiões do devaneio. Duas vezes por semana todos esperavam inutilmente que a flecha de um grito dilacerasse as retinas da maçaneta da porta — serpente de cabeça binária.

Francisco Carvalho, cearense, é autor de *Raízes da voz*, *Girassóis de barro*, *Olhos de ressaca*, *Memorial de Orfeu*, *Pastoral dos dias maduros*, entre outros livros de poesia.



Pois é a Poesia

Luís Carlos Guimarães

IRACEMA MACEDO: Poesia e Paixão

Nei Leandro de Castro

Os três livros anteriores de Iracema Macedo, todos de parceria com Eli Celso e André Vesne, já apontavam para a dimensão de sua poesia, para a beleza e a ousadia dos seus versos, com temas e palavras fortes, pouco usuais na poesia feminina que se escreve no país e, principalmente, na província.

Em *Lance de dardos*, na série que dá título ao livro, surge com mais vigor e nitidez o arrebatamento amoroso que sempre esteve presente na poesia de Iracema. Nesses poemas parece ter havido uma sublimação do *amor fati* (já lembrado por Nonato Gurgel, na orelha do livro), ou seja, "o amor que diz sim e que faz de qualquer resultado dos dados uma possibilidade de vida mais bela e mais criadora." Não por acaso, o *amor fati* é o tema da dissertação de mestrado que Iracema Macedo fez sobre Nietzsche.

Esse amor vai ao encontro de um Saturno destronado e lançado à terra dos homens, depois se aproxima de Mercúrio, o alcoviteiro dos deuses, para apaziguar suas dores, ao experimentar o "esplendor da queda e a violência dos abismos." Saturno se traveste de lobo-do-mar, de anjo, de lobo, e vem vindo, não adianta fugir ou se descon-

der. A bela poesia de Iracema registra: "Saturno me estende a mão e um cálice/ e é como se a vida chegasse/ silenciosa e indolor como os milagres."

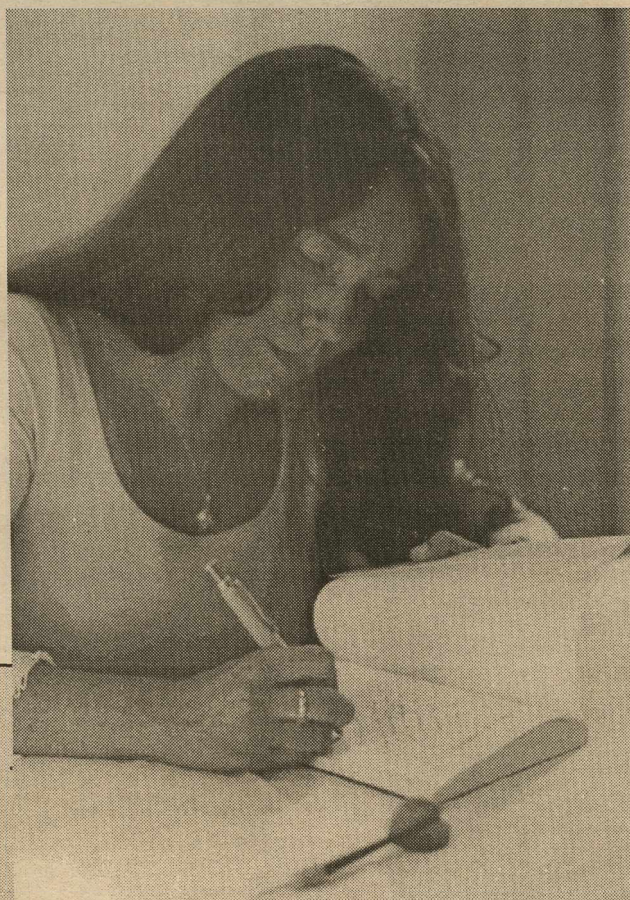
Mais adiante, a poeta volta aos ritos saturnais, confessa que transgredir tantas leis que já nem sente, para depois reafirmar o seu doce desvario amoroso. Saturno também pode ser um anjo decaído, um arcanjo louco, que aprendeu a incendiar os

sentidos da poeta, que adivinha todos os seus desejos sob portas e vestidos. Por isso, só resta pedir "que me faças assim/ ínfima e sagrada/ muito mais pornográfica do que lírica/ muito mais profunda do que tântrica/ muito mais vadia do que tua."

O amor se esvai? O coração da poeta se cobre de nuvens sombrias, fica cheio de vespas e ela canta: "Um oceano inteiro não basta/ para calar no meu peito/ este murmúrio/ de tantas formas de ardor,/ tantas formas de estar banida e só."

Segundo Oscar Wilde, condenado à prisão e à morte pelo amor, os corações foram feitos para ser despedaçados. Talvez valha acrescentar que os pedaços do coração se recompõem como as estrelas-do-mar. Depois de Saturno e seus sortilégios, depois de Mercúrio, que "acende espelhos e inventa silêncios", o *amor fati* de Iracema Macedo se volta para o cotidiano dos mortais e sublima o amor imperfeito, num dos mais belos poemas do livro. A paixão está apaziguada, o corpo e a alma suportaram a "ventania dos diabos", o desenlace vira enlace, o amor se veste de outras vestes. A poesia é a grande vitoriosa.

Na atual poesia brasileira não há registro de um equilíbrio tão perfeito entre paixão e expressão poética, construção de versos e reconstrução da alma sob aquele antigo e recorrente "fogo que arde sem doer".



"O *amor fati* de Iracema Macedo se volta para o cotidiano dos mortais e sublima o amor imperfeito, num dos mais belos poemas do livro"

A BUSCA

Eu que estava acostumada
a me avizinhar das maldições
fiquei de repente tão pura
que pássaros negros me visitam
sem agouros
e as mariposas pousam
sobre mim apaziguadas
Pequenas traças devoram meu coração
quando durmo
Estou habituada a muitos parasitas
e impossibilidades
mas contra todos que me pensam velha
sou uma menina ainda
e me debruço na janela
com os seis docemente
inaugurados

AS VESTES

Enfrentei furacões com meus vestidos claros
Quem me vê por aí com esses vestidos
estampados
não imagina as grades, os muros
o chão de cimento que eles tornaram leves
Não se imagina a escuridão
que esses vestidos cobrem
e dentro da escuridão os incêndios que retornam
cada vez que me dispo
cada vez que a nudez me liberta dos seus laços

BACANTE

Em meu ninho longínquo
início ventos
invento cios
canto e danço em volta do fogo
transformo meu leite em vinho
e ofereço meu corpo para os lobos

A CHEGADA DE MERCÚRIO

Acendes espelhos por onde passo
e mesmo em tua fúria
inventas silêncios que me acalmam
mirantes fogueiras viagens
tudo me trazes nos dias
em que ancoras
tua ventania nos meus braços

PROGRAMA NACIONAL DE INCENTIVO À LEITURA

Uma alternativa para a leitura do mundo

J. de Castro

A Fundação Biblioteca Nacional, do Ministério da Cultura, com a chancela do Ministério da Educação, criou, em 1992, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura - PROLER, que possui uma representação no Rio Grande do Norte. Esse Programa vem tendo uma atuação brilhante e destacada no Estado, sob a responsabilidade Secretaria de Estado da Educação, da Cultura e dos Desportos - SECD-RN, hoje através da Coordenadoria de Desenvolvimento Escolar - CODESE. Um dos objetivos básicos do PROLER-RN é o de estimular um trabalho de qualidade na área da leitura junto às escolas, aos professores e aos alunos.

O Comitê do PROLER-RN, que é formado por diversas instituições governamentais e não-governamentais, vem desenvolvendo inúmeras ações nessa área carente e fundamental, principalmente através de Encontros Intermunicipais em todo o Estado.

Nesses Encontros, destinados aos professores, supervisores, bibliotecários e outros profissionais interessados na leitura e na escrita, são realizadas palestras com debates e ministradas oficinas teórico-práticas que visam melhorar a interação leitor-livro e estimular a reflexão e o potencial criativo dos educadores nessa área.

Hoje, há mais de dez oficinas sendo realizadas quase todo o mês, geralmente para um universo entre 500 e 700 professores, que confluem para um município-pólo. Dentre os beneficiados, desde 1997, pode-se destacar: Florânia, Parnamirim, Monte Alegre, Caicó, São José de Mipibu, Acari, Pau dos Ferros, Mossoró, Ceará-Mirim e Natal. No presente ano, já se vislumbram atividades para os seguintes municípios: Santa Cruz, Currais Novos e Apodi, dentre outros. As oficinas versam sobre contação de histórias - inclusive através da música -, produção textual, leitura de imagem, criatividade e imaginação, formação do telespectador crítico, criação li-

terária, literatura infantil, dinamização de bibliotecas escolares e salas de leitura, histórias de trancoso e outros resgates culturais e literários. Enfim, as oficinas buscam instrumentalizar o professor para que ele possa desenvolver um trabalho de qualidade na formação de leitores críticos, contextualizadores e criativos. E fa-

zer com que a atividade de leitura na escola seja uma atividade prazerosa, lúdica, imersa em dinâmicas vivas, que possam despertar na criança, no adolescente e no jovem o interesse pelo livro, pela arte e pela cultura.

Um dos pressupostos do PROLER-RN é o de que o melhor caminho para que o professor forme

bons leitores é o de ele mesmo buscar o contato com o maior número possível de obras. Dessa forma, as oficinas ensinam essa oportunidade aos professores, levando-lhes um rico material de leitura, de todos os gêneros, que engloba autores da literatura universal, nacional e local. Ao mesmo tempo, oferece-lhes a oportunidade de reflexão sobre as melhores vertentes exploratórias da leitura e da produção de textos em sala de aula.

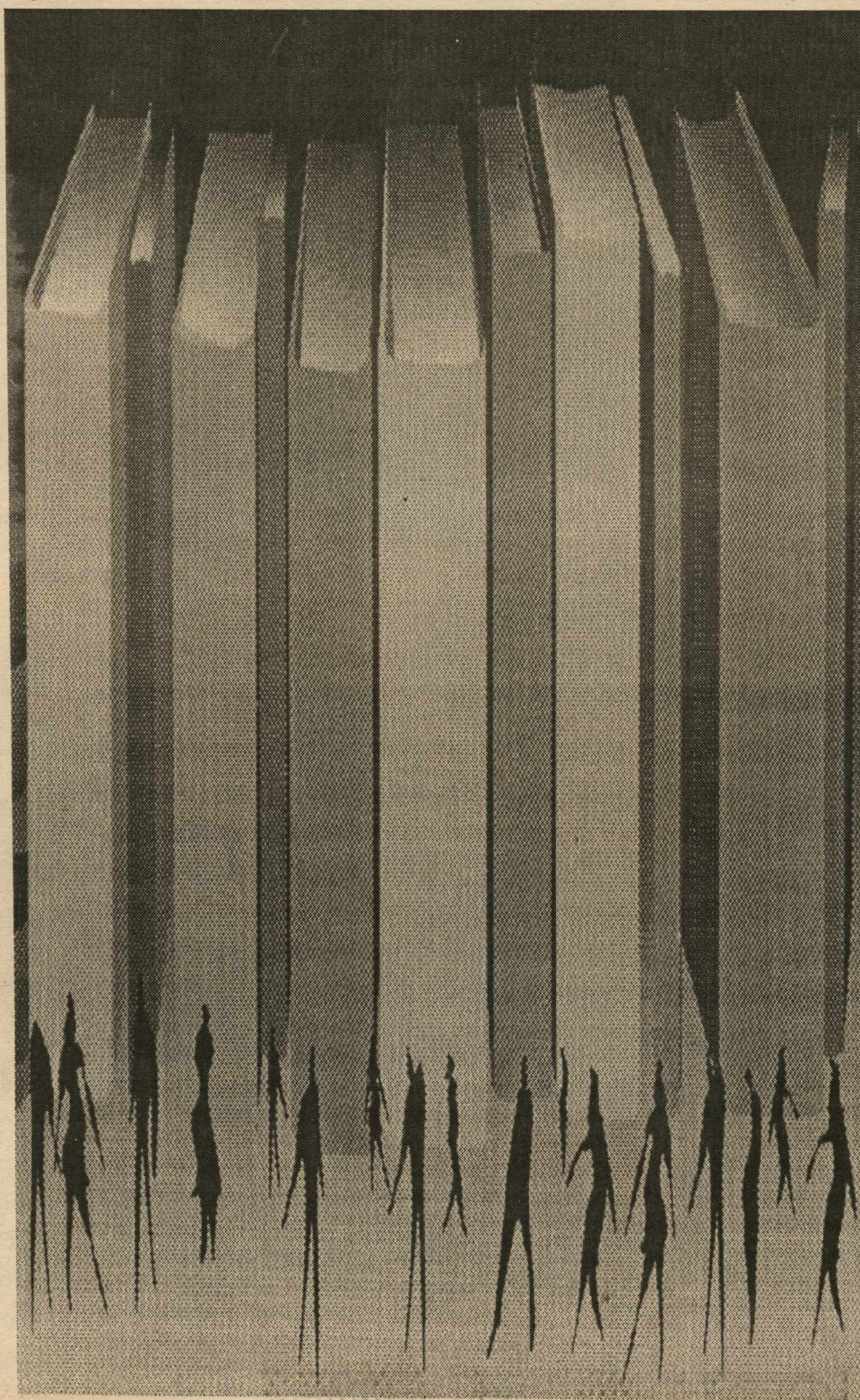
Uma outra premissa é a de que o professor, ele mesmo, precisa ser criativo na escolha de materiais de leitura, na metodologia de abordagem exploratória dos textos e na produção de materiais alternativos de leitura. E que, sobretudo, ele estimule em seus alunos esse espírito criativo-investigativo, dando-lhes inteira liberdade para interpretar, reinterpretar, criar e propor caminhos de fruição e de apropriação da leitura e da produção da escrita, de maneira prazerosa e divertida.

Por tudo isso, pode-se perceber que já existe uma luz no fim do túnel no que concerne à melhoria da qualidade do ensino no Estado através do caminho da leitura e da escrita. Todo esse esforço é louvável e precisa ser reconhecido e melhor apoiado por toda a sociedade, pois essa é uma das vertentes mais fecundas para se proporcionar o trânsito do mundo da leitura para a leitura do mundo. E ler o complexo mundo de hoje, tão influenciado pela mídia eletrônica, só é possível através da decodificação de todas as linguagens presentes na modernidade. E o livro, apesar de todos os modismos eletrônicos de hoje, resiste, revigora-se e se faz novo a cada instante e pode até mesmo, na mão de seres conscientes, críticos e criativos, influenciar na própria reinvenção do mundo. Um mundo melhor para todos.

*Maiores informações poderão ser obtidas através do seguinte contato: PROLER-RN (Erleide Rocha - Coordenadora) Telefones: 0-84-232-1436, 232-1437, 232-1438 e 232-1429.

J. de Castro é jornalista profissional, escritor e consultor da SECD, e que vem atuando junto ao PROLER-RN, ministrando oficinas de criatividade e imaginação.

Labim/UFRN



Os sinos de Tânato

Sobre poemas de Jorge Fernandes e Newton Navarro

Vicente Vitoriano Marques Carvalho

Newton Navarro é um dos imortais da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Seria inadequado dizer que ele fora. Não aconteceu por acaso ele ter ocupado a cadeira do Patrono Jorge Fernandes, reconhecidamente o introdutor da poesia modernista no nosso Estado. De fato, Navarro depôs para Cassiano Arruda (Apud Almeida, 1998¹) que aceitara fazer parte da Academia desde que tivesse Jorge Fernandes como Patrono. Navarro, como Fernandes, também foi inovador, vanguarda mesmo, enquanto artista plástico norte-rio-grandense. Os dois foram, portanto, responsáveis pela renovação artística entre nós.

Essa consonância entre os dois poetas, digamos os dois artistas, uma obviedade, dirão, me veio à mente ao ler os "Patronos e Acadêmicos" de Veríssimo de Melo. Lá encontro o poema "Sinos", de Fernandes, escolhido por Melo por tratar-se de "uma pequena obra-prima" escrita "nos últimos anos de sua vida" e em que "pressente a morte". Num sentido diferente, Navarro também faz referência ao que tenho interpretado como sua morte no poema "Limitações", incluído no seu livro de poemas "Subúrbios do Silêncio", sintomaticamente publicado em 1953, ano da morte de Fernandes. Em ambos os poemas a relação entre morte e os sinos fica patente. Teria Navarro seguido o fio poético tramado por Fernandes? A referência aos sinos, no seu poema, seria um ressoar daqueles de Fernandes? O poema de Navarro uma sin-afia do de Fernandes?

Anteriormente, eu tivera contato com "Limitações" e a partir dele ensaiei uma discussão teórica sobre uma possível compreensão de História contida no poema, especialmente a partir da noção de "tempo inconcluso" nele referido por Navarro. No ensaio, apresentado no III Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, em fevereiro de 2000, em Coimbra, eu ponderava que

esse poema "é revelador da reflexão que o poeta faz sobre sua própria história, uma história pautada pela ambigüidade entre arrancar do corpo "todas as razões maiores" e em manter seus sentimentos "guardados e escuros": o poeta livra-se da racionalidade, porém não libera plenamente seus sentimentos, daí sua condição de ser um ser limitado para quem, atrás de si, existe

*Um tempo inconcluso
Onde é sempre tarde,
Com sinos".*

Minha intenção era criar um paralelo a fim de demonstrar que "a biobibliografia de Navarro repete esta incompleição orgânica desenhada pelo poeta e no vazio de sua história encontram-se os caminhos pelos quais seguiu em direção ao ensino e, particularmente, ao ensino de arte".

No momento em que encontrei o poema de Jorge Fernandes foi inevitável que eu imediatamente fizesse a comparação e intentasse redigir sobre a rede de relações de fato se estabelece entre as duas obras. A metonímia entre sinos e morte seria o ponto de partida para o tecido de idéi-

as urdido pelos dois poetas.

Ao pequeno texto que se segue, entretanto, não proponho o rigor de uma análise literária, mas sim, um talvez devaneio também poético anotado ao sabor da emergência de idéias próprias mesmo de uma leitura primeira. Daí seu caráter talvez esquemático, sua aparência de rudimentar sumário. Para mim foi preciso fazê-lo sob o calor da emoção do que se constituiu uma descoberta. Era imprescindível torná-lo material antes que "escapasse" ou que se revestisse de uma frieza acadêmica talvez inadequada para tratar do que, enfim, trata.

Em pequeno livro comemorativo do nascimento de Fernandes, Navarro refere-se aos sinos em dois parágrafos de seu obituário poético, "Retábulo do Livro de Poemas de Jorge Fernandes":

"Jorge, o sineiro bem-assombrado da Sé. Sino emborcado, genioso, tomando o choro, pra não denunciar um morto amado... e, de novo, emborcado, o vozeirão aos quatro ventos de Natal: Bão! Balão! Bão! Balão!

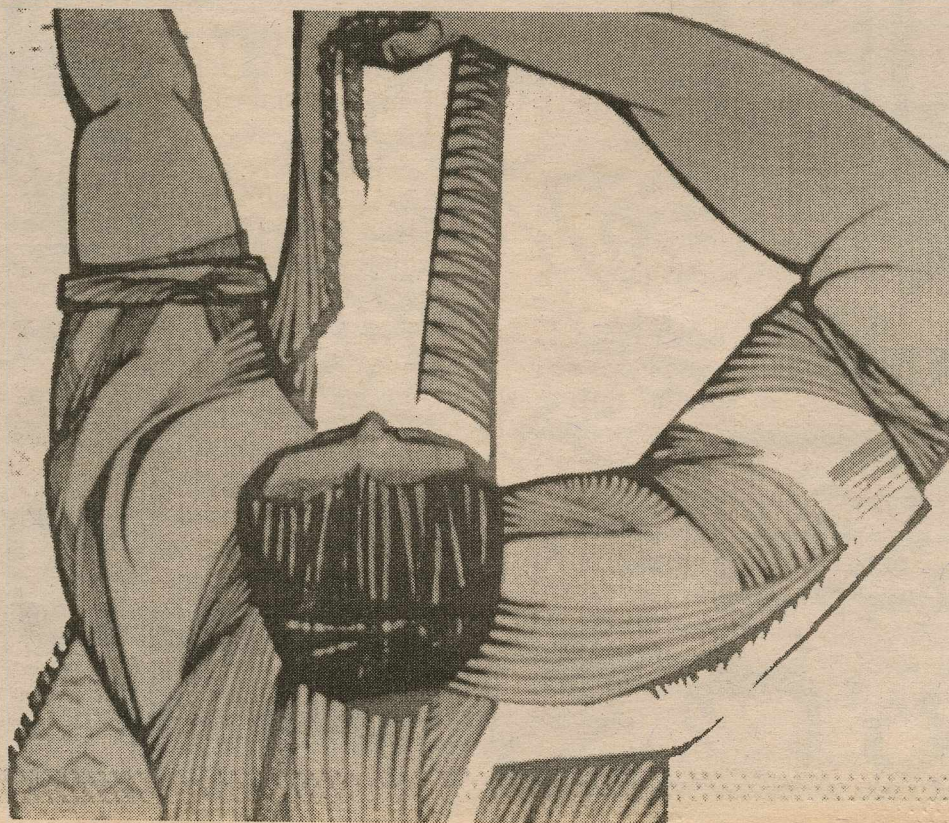
Noite, noitinha, cheia de sinos 'escorrendo Ave-Marias'. (...)."2

Ficará dispendioso, no sentido cunhado por Eco³, estabelecer relações extensivas de inter-referências entre os três textos. Por exemplo, aventar se o obituário precede "Limitações", mesmo porque não há nele explicitação de pensamentos reflexivos de Navarro, material com que foi escrito o poema. Desde este texto, cuja fonte não indica a precisa data de sua redação, pode-se pelo menos conferir as referências às imagens presentes nos dois poemas comentados: os próprios sinos, sua relação com a morte e o instante crepuscular em que eles soam.

Os sinos estão presentes, sonantes no instante da criação de Jorge Fernandes que é também o instante em que ele "parte", em que ele morre. Eles são densos, matéricos, "bronzes", mas, "chorosos", são "estranho acalanto", alento para o momento do "sono", da morte. Em Navarro, eles parecem distantes, "atrás de mim", são metafísicos e celebram uma morte antepassada e mística, assistida pelos olhos "tristíssimos" de um santo, mas também sonantes, melódiosos. O som que reverbera desde os sinos dos dois poemas possui ou enforma o clima melancólico do fim da tarde, este metáfora do fim da vida ou, como em Jorge Fernandes, do sono, uma outra metáfora.

Além de chorosos, os sinos de Fernandes também são triunfais, "nervosos das aleluias", são eternos. Constituem entidades que compõem ativamente a instância espaço-temporal, muito mais temporal, construída pelo poema. Em Navarro, os sinos ali estão aparentemente como acessórios. Uma nota sonora acessória, entre vírgulas, no desenho de uma instância em que o espaço e o tempo – Geografia e História, são muito mais importantes, igualmente importantes. Se Navarro quer reconstituir sua história, Fernandes está ciente do fim da sua.

A ênfase na dimensão temporal obnubila o espaço no poema de Fernandes. O espaço, o ambiente físico é apenas sugerido, ao tempo em que negado, pelo movimento de "ir dormir" que também é o de morrer.



O sono, mais que repouso cotidiano, é a própria morte, definitiva. Daí é que Fernandes parece ouvir os sinos desde o que pode ser seu leito de morte, em um quarto, doméstico e tranqüilo, pois "suave" é o seu partir. O som acode o recolhimento pequeno-burguês do pacato funcionário público. Já Navarro ouve os sinos no ambiente das ruas da cidade cuja geografia, "desconhecido mapa azul", é desenhada no poema. Fernandes parece estar só, e ele só a si se basta. Seu partir é dado num instante, em um recorte no tempo, entre o cair da noite e a noite, no tempo da difusão do fúnebre dobrado. Navarro, não. Navarro pervaga as ruas, quer "encher" a cidade, o espaço geográfico, com a história, com a vida do poeta: da origem ao "tempo inconcluso". Navarro não está só; tem o próprio poema, chama amigos, atua, está vivo, acompanha, sente até "o crescimento de uma planta". Ele está morto apenas em algum lugar no passado e seu presente é o de construção de uma história. Enquanto Fernandes morre, Navarro revisita sua morte pelo milagre do poema.

Os sinos de Fernandes são os sinos "dos velhos", daqueles para quem o tempo tem um termo no momento da morte. Os de Navarro marcam uma interrupção do tempo que não acabou, tanto que, no agora, é dado ao poeta ainda ouvi-los, mesmo que o seu som se propague na imprecisão do "horizonte de uma rua"...

Sinos

Jorge Fernandes

(In: MELO, Veríssimo de. *Patronos e Acadêmicos. Academia Norte-riograndense de Letras. Antologia e Biografia. Rio de Janeiro. Pongetti, 1972. Patronos e Acadêmicos. Vol. I. Patronos*)

Sinos!

Oh! Velhos Sinos!

Sino dos velhos...

Oh! Bronzes imortais!

Nervosos sinos das aleluias,

Oh! Sinos triunfais!

Chorosos sinos, quero dormir!

Me embalai! Me embalai!

Oh! Velhos amigos, é noite.

Que suave o meu partir!

Sobre meus olhos, sinos,

A imensa noite cai...

Oh! Estranho acalanto

Tendes no canto!

Eu vou dormir...



Dobrai! Dobrai!
LIMITAÇÕES
Newton Navarro
(Em "Subúrbios do Silêncio")

Tenho um verso na mão direita
E na esquerda meu coração.

De propósito
Arranquei do meu corpo
Todas as razões maiores
Para que meus sentimentos
Ficassem guardados e escu-

ros.

Fiquei mais distante
Dos meus limites.

Defronte do meu rosto
A casa-grande da infância.
(Dizem que a minha inocên-

cia

Ficou lá dentro,
Entre crótons,
Avenças e sombras de man-
gueiras)

Sob meus pés
Palpitam todos os caminhos:
As aventuras,
As estradas,
As ruas que percorri.

Atrás de mim
Um tempo inconcluso
Onde é sempre tarde
Com sinos,
O impreciso horizonte de uma rua
E os olhos de uma figura
Tristíssimos, como um santo.

Se adiantar mais a mão esquerda,
Tenho porções de mistério,
O desconhecido
Mapa azul se agitará
E as cidades principiarão a existir.

NOTAS

¹ ALMEIDA, Ângela. Frutos do Amor Amadurecem ao Sol: Newton Navarro, uma leitura estética da Cidade do Natal. Dissertação de Mestrado não publicada. Natal: (S.N.), 1998.

² PATRIOTA, Nelson e outros. Jorge Fernandes. Natal. 87. Centenário. Natal: RN Econômico, 1997.

³ ECO, Humberto. Os Limites da Interpretação. Trad. Pérola Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1999. Estudos. Semiótica.

Vicente Vitoriano Marques Carvalho é mestre em Educação, doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRN

A Malhação do Judas

No município de Major Sales/RN



Severino Vicente

O município de Major Sales está localizado no alto-oeste potiguar, a 500 km de Natal capital do estado do Rio Grande do Norte. Como a maioria das pequenas cidades do sertão nordestino, é habitado por pequenos e médios agricultores que vivem da plantação e criação de animais. A cidade conta com escola de 1º e 2º grau e posto de saúde um médico residente o Doutor Pio X Fernandes um agro-pecuarista filho da terra e grande incentivador da cultura local.

O Sítio do Judas, malhação do judas, sítios dos caretas, danças do cabocos, são as mais variadas denominações que as populações rurais de algumas regiões do Brasil principalmente do nordeste dão a esta antiga manifestação datada do período medieval e que em Major Sales recebe denominação de dança dos caboco. Após assistir apresentação de vários grupos fui conversar com seu Antônio Moisés 78 anos de idade um dos mais anti-

gos da comunidade dos caboco, segundo ele até onde vai suas lembranças seus avós e os pais já dançavam e malhavam o Judas num acompanhamento festivo que começava na quarta feira santa.

Tradicionalmente é organizado da sexta para o sábado de aleluia no terreiro da casa grande, contando com apoio dos fazendeiros da região. Tudo se organiza da seguinte forma: vários grupos de moradores da região reúne-se e vai pedir licença ao dono da terra para enforcar o judas no seu terreiro. Conseguindo autorização sai a pé ou a cavalo de sítio em sítio arrecadando dinheiro e comida para o desjejum dos componentes do sítio do judas. Quando acontece de algum morador da região negar o pedido do desjejum alguns membros do grupo organizam uma equipe para retirar às escondidas o pedido negado como forma de protesto. Geralmente ninguém nega este pedido temendo castigo que pode vir com grande prejuízo aos negadores.

Se o ano é bom de inverno afirma seu Antônio Moisés o denativos são muitos mais abundantes,

são sacos de espigas de milho, de feijão, melancia, melão, animais domésticos tais como galinha, pato, guine, peru, carneiro etc. Tudo que arrecadam é guardado em casa de um dos organizadores sob grande vigilância para não ser roubado por outros grupos.

Um pouco diferente de outras regiões no nordeste, a malhação do judas no município começa na quarta feira santa e só termina na madrugada do domingo com a morte do judas. Existem neste município 15 grupos de malhadores cujos os componentes são trabalhadores provenientes de sítios e povoados em números que variam entre 20 a 30 membros vestindo roupas extravagantes, (espécie de casaco enfeitados com tiras de panos em várias cores) calça, tênis mascara de papelão coberta com pano preto, bigode e sobancelhas, um rebeñque com novelo de pano na ponta onde bate com muita força no chão numa sintonia perfeita entre o ritmo da dança, que consta de Xaxado, Baião, Macha Xote e forró, gritos e palavras de ordem.

Coloco aqui em questão o que outros pesquisa

dores fizeram em relação a origem desta importante manifestação folclórica: seria a malhação do judas um processo de folclorização inspirado no Haséldona, uma espécie de campo de sangue comprado com dinheiro pelo qual judas traiu Jesus transformado no desejo coletivo de posse da terra por vaqueiros, meeiros e trabalhadores rurais fantasiados e mascarados para defender até os últimos instantes do Sábado, as terras do judas. A presença de alguns componentes com aparência do demônio faz lembrar "os sambeneditos" usados pelos condenados à fogueiras do tribunal inquisitório.

Outro questionamento que é importante ressaltar seriam em relação aos invasores que procuram saquear as terras dos judas, esta folclorização relembra o massacre à pessoas acusadas da prática de bruxarias e feitiçaria na idade medieval.

A nossa conclusão é de que sendo o Brasil um país de formação cristã cuja cultura recebeu uma forte contribuição ibérica não seria de se estranhar que ainda hoje tivéssemos que praticar esse tipo de manifestação envolvendo o desejo da posse terra e a vingança a judas tradicionalmente tido como traidor de Jesus.

Ao chegarem ao Brasil os colonizadores trouxeram entre os seus costumes uma quantidade imensa de superstições, bruxaria, feitiçaria e outros mais comportamentos que se diz respeito ao catolicismo popular incorporados ao processo da dinâmica cultural, ainda hoje continuam vivas nas nossas manifestações folclóricas, principalmente em auto populares de caráter religioso e profano como é o caso da malhação do judas. Logo que chega ao Brasil a corte portuguesa, a malhação do judas foi proibida por ordem de sua majestade o Rei Dom João VI que desconfiava das concentrações populares dos festejos da aleluia achando que tudo aquilo não passava de severas críticas à figura do imperador.

No ano de 1831 esta prática resugiu principalmente no estado do Rio de Janeiro com a permissão de aglomerações populares em praça pública.

A malhação do judas no município de Major Sales se constitui num verdadeiro teatro folclórico que vai desde a confecção do boneco até a sua indumentária que consta de uma calça comprida, camisa, chapéu, cachimbo, óculos escuro, com o judas sempre presente eles desenvolvem suas habilidades coreografias no ritmo quase alucinante. Para execução do judas escolhe-se um local, geralmente o pátio de uma fazenda, ergues um mastro de 10 metros de altura em volta um círculo com estaca de madeira, neste local é dependurado o boneco em sua volta uma mesa, onde é depositado as prendas do judas. Durante toda noite um grupo de voluntário dão guarda ao boneco tentando impedir que ele seja roubado antes da meia noite do sábado de aleluia. Após a leitura do testamento em praça pública aconteceu a sacariação do judas na presença de um grande número de pessoas que assistem o esfaqueamento do boneco consequentemente sua execução final.

Severino Vicente é Secretário da Comissão Norte-riograndense de Folclore

Correio d'O Galo

Essa publicação ao lado, com o timbre da Metalivro, marca o encerramento da primeira edição do **Prêmio Banco Real de Talentos da Maturidade - 1999**, que contou com a participação de 6.118 pessoas, de todo as partes do Brasil. Foram cinco as categorias de premiação: Pintura, Escultura, Monografia, Literatura e Canto.

Dentre os premiados na categoria Literatura está o poeta norte-rio-grandense Luís Carlos Guimarães, também colunista da seção *Pois é a poesia*, deste jornal. Seu conto "A Pastora e o Arco-Íris" está resenhado na publicação da Metalivro, mas sabendo do interesse dos leitores de O Galo pela obra de Luís Carlos Guimarães, vamos publicar no próximo número o texto de "A Pastora e o Arco-Íris", ao mesmo tempo em que nos regozijamos com a premiação de seu conto na primeira edição do evento promovido pelo Banco Real.



Cartas

ARICY CURVELLO
Serra, 27 de março de 2000
Caro escritor
Nelson Patriota

Tenho lido várias menções elogiosas a seu trabalho, vindas em cartas de amigos escritores, Ascendino Leite em João Pessoa (PB), Alice Spindola em Goiânia (GO), entre outros.

estão sugerindo-me contatá-lo e é o que me resolvi fazer.

Em anexo, remeto-lhe exemplar de A POESIA MINEIRA NO SÉCULO XX, antologia organizada pelo crítico e polígrafo Assis Brasil, em edição de mercado da Imago Editora, do Rio, 1998. Aí poderá ter informações bibliográficas sobre este que lhe escreve. Meu domicílio vai da página 205 à 208.

A antologia segue à guisa de apresentação, para início de contato.

Gostaria muito de receber O GALO, belo caderno literário que tem a fortuna de ser editado por você. Que devo fazer? Peço-lhe, por favor, informações.

Com os fortes votos de êxitos, cumprimento-o
Aricy Curvello

Goiânia, 30 de maio de 2000
CECÍLIA MELO

Senhor Editor,

Com satisfação recebi das mãos do seu amigo Getúlio Araújo o jornal cultural O GALO, edição de 03 de março.

Nesse encontro, vi o quanto Getúlio sente orgulho e faz elogios à sua terra e ao jornal que nos apresentou.

Sou poeta com três livros lançados: *Angústias Naturais*; *Buscas & voltas* e *Caminhos Cruzados* e *De mãos dadas* (previsto para o 2º semestre).

Gostaria muito de receber esse maravilhoso jornal que é suma importância à cultura, onde acredito que os outros Estados deveriam fazer o mesmo, para trazer informações ao público.

P.S. Segue uma poesia do livro *Caminhos cruzados*.

Cecília Melo

Av. T-2, nº 747, Setor Bueno

74210-010 Goiânia, GO

EVENTOS

Marco de Touros - O dia 07 de agosto é, a partir de agora, a data oficial da fixação do marco colonial de Touros. A medida foi aprovada pelo Poder Legislativo do RN e sancionada pelo governador Garibaldi Filho no dia 30 de maio último. Pela mesma lei nº 7.831, a data passa a marcar também o aniversário do Rio Grande do Norte.

O marco colonial de Touros foi chantado (fixado) na praia dos Marcos, ex-distrito de Touros, no dia 07 de agosto de 1501, por Américo Vespúcio. A controvérsia em torno da efeméride, que para alguns pesquisadores era 17 de agosto, e não 07, fica, assim, sem maior relevância, até prova em contrário.

Dr. Getúlio Araújo - O médico e escritor norte-rio-grandense Getúlio Araújo chega a Natal em julho próximo a fim de articular novos contatos visando a aproximar ainda mais o meio intelectual natalense do seu correspondente goiano, onde vive. Getúlio Araújo é o organizador do livro "A presença de Câmara Cascudo em Goiás", reunindo trabalhos de autores potiguaros e goianos.

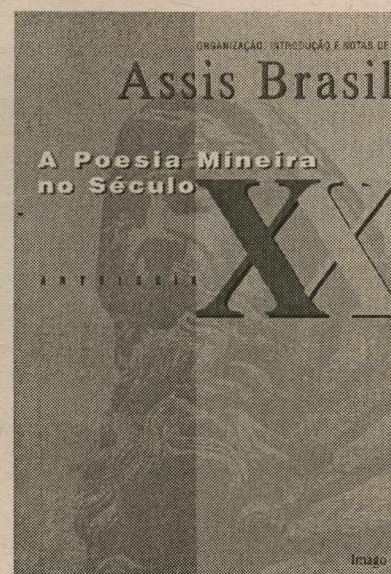
Cosmopolita - Natal ganha no começo de julho próximo uma nova casa de livros, que reúne tanto a idéia de sebo como a de livraria. A Livraria Cosmopolita funcionará numa galeria da rua Felipe Camarão, Centro, nas proximidades da Poty Livros. a empresa é uma iniciativa dos professores Pedro Vicente Costa Sobrinho e Homero Oliveira, a que somou o jornalista Vicente Serejo. Com um acervo inicial de 2000 livros, a Cosmopolita oferecerá tanto livros novos como usados, todos catalogados, dentro do moderno espírito empresarial dos sebos do sudeste.

Chuva ácida - A poetisa Carmem Vasconcelos lança pela Fundação José Augusto, no dia 06 de julho próximo seu livro de estreia "Chuva ácida", que tem capa de Nei Leandro de Castro e prefácio de Dorian Gray Caldas. Para os leitores de O Galo o nome de Carmem já é familiar, haja vista que ela estreou como poetisa nas páginas deste jornal, meses atrás, e inclusive foi avaliada positivamente pelo poeta Luís Carlos Guimarães, na sua coluna *Pois é a poesia*.

Crônica da banalidade - O escritor Carlos de Souza prepara o lançamento de sua novela "Crônica da banalidade", revista e ampliada, para julho.

Perfil da República - João Batista Machado lança no dia neste dia 15 de junho, no Palácio da Cultura, seu "Perfil da República no Rio Grande do Norte"

Dicionário Câmara Cascudo - O historiador Marcos Silva informa que está concluindo a revisão dos textos que vão compor o dicionário Câmara Cascudo, a ser lançado este ano pela USP/São Paulo.

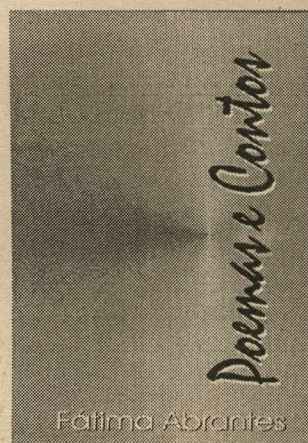


LIVROS. Lançamento

Nelson Patriota

História

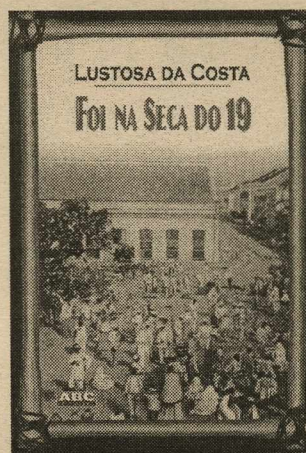
Editora Universitária UFPE
Recife-PE
1999



Muitas vocações literárias se perdem no silêncio do ineditismo, sobretudo nos municípios mais afastados das capitais. As dificuldades costumam ser proporcionais à distância entre o interior e a cidade grande. Maria de Fátima Abrantes de Almeida, com licenciatura plena em Geografia pela UFPB, venceu essas dificuldades geográficas e culturais e publicou um livro que reflete fielmente a condição do professor que trabalha em escola de interior. É um amálgama de poemas, crônicas, reflexões produzidos ao longo de 14 vividos em Marcelino Vieira, interior do Estado. Edição, de autor, "Poemas & crônicas" deixa entrever uma observadora atenta da realidade. No poema "Minha terra", diz: "Minha terra tem gente que fala e que cala/ gente que não se acha gente/ gente que pensa que pode mais do que Deus/ gente que faz da gente filhos seus. Na crônica "Apatia", afirma: "Não sou, embora prefira, daquelas criaturas que se sentem satisfeitas pelo simples fato de estarem vivas". O livro "Poemas & crônicas" é o resultado, até agora, dessa insatisfação que está na origem de toda a literatura.

Contos

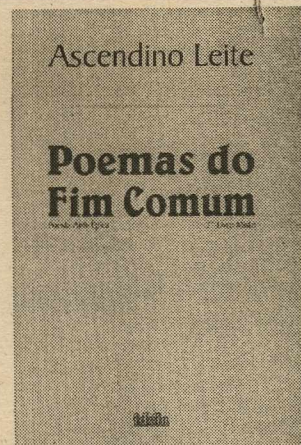
Editora UFG
Goiânia, GO
1998



A cidade de Sobral, no Ceará, já tem seu romancista. Chama-se Lustosa da Costa, escritor que se lançou em 1982, com "Sobral do meu tempo" e que com "Vida, paixão e morte de Etelvino Soares", (Maltese, 1996) se consagrou internacionalmente, arrancando elogios generosos do antropólogo Lévi-Strauss, do escritor cabo-verdiano Germano Almeida e do romancista moçambicano Mia Couto. Nesse seu novo livro, "Foi na secca do 19" Lustosa da Costa mostra, num série de contos saborosos, o cotidiano de uma Sobral que existiu na sua infância. A marca do criador aparece nos detalhes do ambiente e na descrição dos personagens, diferenciados, plausíveis, reais. O realismo lírico das cenas de amor, paixão e sexo é incomparável, como. Dona Ifigênia, a fogosa esposa do Dr. Célio, o fazendeiro Romão, que presenteia com uma máquina de costurar as moças que seduz, o fuxiqueiro Ataliba, são criações inesquecíveis. Dele, escreveu Francisco Carvalho: "Você (Lustosa da Costa) entra, com a maior dignidade, na vasta galeria dos melhores contadores de história do país".

Poesia

Editora Idéias
João Pessoa/PB
2000



A obra poética de Ascendino Leite é um desses milagres da vida literária: nascida na maturidade, parece sempre fresca, jovial, em sua irreverência e autoironia, aliada um erotismo que mantém uma sintonia fina com a modernidade. Em *Poemas do Fim Comum*, que a editora pessoana Idéia acaba de lançar, encontram-se as características mais salientes da poesia e da prosa poética de Ascendino Leite, respingadas de insights que lembram Mário Quintana. Essa despreocupação de tudo, a eleição dos temas mais insólitos ou mais comuns, dão o escopo da poesia de Ascendino Leite. Sua poesia pode começar da forma mais «prosaica». «As pessoas/ nem sempre sabem/ os termos em que andam/em relação ao que é belo» (Degelo); «Que farás do teu maxilar/ inferior/ não estando ele entregue/ a um ourives/ fechando o arcabouço/ da boca, num jogo de / palavras/ servindo à ironia/ ou ao grotesco? que farás? (Menina, vem). Ou lírico. «Vem. O campo está aberto e livro/ para nele, a flor florir./ Como, no teu corpo, minhas mãos tocando e tímidos se espalhem/ meus dedos por teus delicados/ traços, amando».

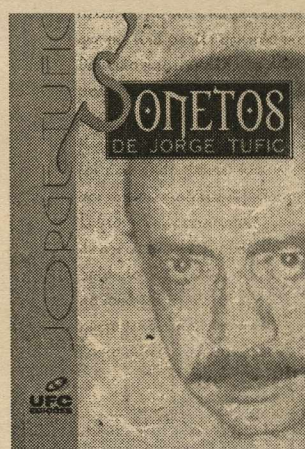
Ensaio biográfico
Unipê Editora
João Pessoa-PB
2000



Cercado de grande expectativa, o advogado e pesquisador Gileno Guanabara lançou finalmente seu "Mário Moacyr Porto, Magistrado e humanista de nosso tempo", obra em que procura resgatar a figura múltipla do paraibano que influenciou grandemente no Rio Grande do Norte, onde residiu por longos anos. Magistrado, professor, empresário, intelectual e humanista, Mário Moacyr Porto aparece no ensaio biográfico de Gileno descrito em minúcias, mas contextualizado em sua época. A importância de Gilberto Freire na formação intelectual da geração do seu biografado é acentuada como decisiva já no capítulo inicial do livro. A relação de M.M.P. com o Rio Grande do Norte é tratada em detalhes num capítulo específico; outros capítulos estudam as diversas facetas do humanista paraibano: o juiz, o desembargador, o reitor, o empresário. Um capítulo trata exclusivamente das opiniões do desembargador sobre a mulher, o direito e a religião, e nem sempre de forma ortodoxa. A bibliografia que encerra o livro de Gileno Guanabara é rigorosa: são dezenas de obras, artigos de jornais e depoimentos de pessoas, daqui e da Paraíba.

Poesia

UFC Edições
Fortaleza, CE
2000



Sonetos de Jorge Tufic" mostra ser seu autor, ao lado do cearense Francisco Carvalho, poeta dos mais fecundos hoje, no Nordeste. Isto quer dizer que a indústria cultural cearense vem dando respostas prontas às necessidades de seus autores, haja vista que o amazonense Tufic vive, já há anos, na capital desse Estado. Nesse caso, louve-se o Ceará, porque publicar autores como Jorge Tufic, Francisco Carvalho, Luciano e Virgílio Maia é prestar um serviço à poesia brasileira, sendo todos poetas de escol. Nesse novo livro Tufic reúne cem sonetos, cujo arcabouço é ora petrarquiano, ora inglês. E exemplar de seu estilo o soneto "Língua portuguesa". "És, idioma, a plumagem que me doura/ o sangue, a vida: múltiplas agulhas/ com que teço os meus ventos; e a lavoura/ onde cantas a dor enquanto arrulhas.// Gótica e franca, na dolência mouro/ florescente em silêncio, entre fagulhas/ de sons cavos e agudos; manjedoura/ do Lácio, dessa humildade te orgulhas.// Romântica e bárbara messe! Estalo/ azul das idades! Da infância também/ te guardo, sabor de fruta, regalo// Mais louvores, não há. Filha do povo,/ que fizeram de ti?

Dicionário
Edições consorciadas
UBE/GO
Goiás/GO
2000



A partir de agora, a história literária de Goiás conta com um roteiro básico de pesquisa. O *Dicionário do Escritor Goiano*, que acaba de ser lançado por José Mendonça Teles (que, a exemplo do irmão Gilberto Mendonça Teles é um fervoroso batalhador das causas da cultura). Trata-se de um instrumento de consulta indispensável, atualizado, da literatura goiana. São 917 autores verbetados, 280 deles com fotos. Número expressivo, portanto, que mostra a riqueza da literatura goiana em seus cerca de dois séculos de existência. Não se trata, porém, de uma obra crítica, mas sim de uma obra de referência. A intenção do autor, como é externada na *Apresentação*, foi de elaborar os verbete com a preocupação de fornecer informações básicas sobre cada autor, permitindo ao leitor, assim, um roteiro sucinto sobre a biobibliografia dos escritores. No texto das "orelhas" do Dicionário, diz o escritor Bariani Ortêncio: «Este dicionário do Mendonça é um repositório riquíssimo de biografias e diferente dos outros, aliás, e da definição de dicionário: uma obra de consulta. Ele é um livro de leitura obrigatória, contagiante».

Poema ao acaso

Franco M. Jasiello

Talvez deveria ter percorrido o caminho dos santos
para não ferir-me nos espinhos da noite,
os pés gelados de mármore e escuridão,
antes de escolher a vida,
os preâmbulos da morte, os lagos do sonho,
o remorso ausente, a ironia da despedida.

Talvez deveria ter esquecido o marulhar de Veneza,
O frio gótico da sombra da catedral de Milão,
O crepúsculo dos vitrais, o campanário de Giotto fulgurando o céu de Florença,
A luz das curvas antes das praças de Roma,
A febre de meu corpo, a sede de pecado.

Talvez deveria ter permanecido no inverno do retorno,
sem a fábula lunar da ilha e da montanha,
sem o *para sempre* de estrela e menestrel
aderindo à memória impaciente,
com a frequência familiar do *nunca mais*,
com a intransigência de exigir minha dor.